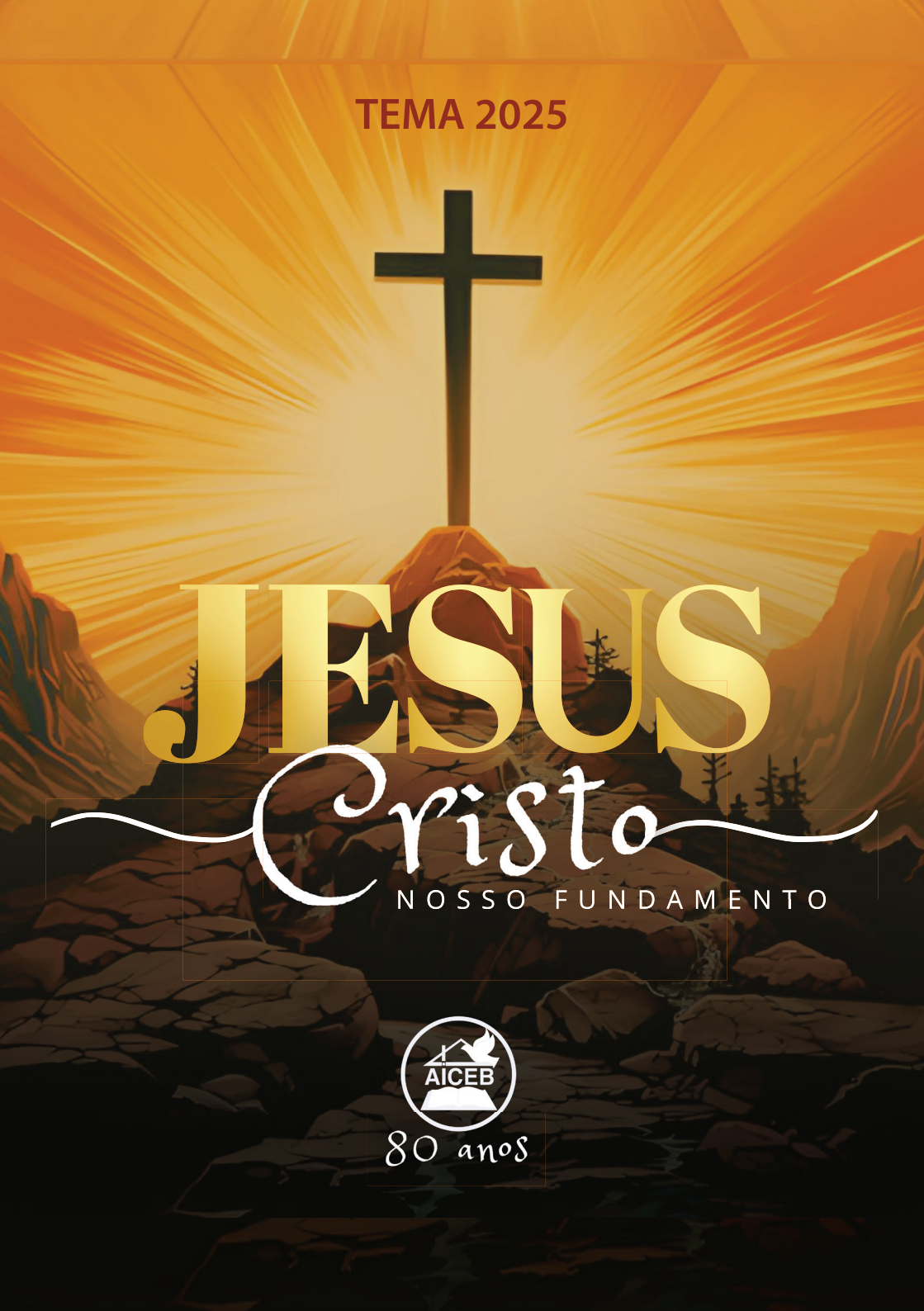
TEMA 2025



JESUS Cristo

NOSSO FUNDAMENTO

AICEB

80 anos

Literatura Cristã Evangélica

Todos os direitos nacionais e internacionais reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da Literatura Cristã Evangélica, salvo em breves citações.

Editora pertencente à Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Brasil - AICEB

Estrada de Ribamar, Km 2, nº 220
Planalto Aurora / 65060 – 541
São Luís – MA
CNPJ: 39.814.161/0001-54
literaturacristaevangelica@gmail.com

BANCO DO BRASIL
Agência: 3650-1
Conta corrente: 61211-1
AICEB - Literatura Cristã Evangélica

Diretor-geral
Mário Rubens Neves Ribeiro Júnior

Editora-chefe
Karina Maia Rego Ribeiro

Gerente financeiro
Adélia Lisboa de Castro

Conselho administrativo
João Rafael de Oliveira Filho
Tomé dos Santos e Anjos
Telesforo Rodrigues Martins Filho
Denio Oliveira da Fonseca
Antonio Marcos Barros Cruz
Jéssica Sarrazin de França
Meriellie Barros Brandão Oliveira

Autores
Pr. Antonio Marcos Barros Cruz
Pr. Frankylande Mendes Sobral
Pr. Jairo Oliveira
Pr. José Afonso Martins de Moraes
Pr. João Duarte de Alencar
Pr. Marinaldo Mota da Rocha Júnior
Pr. Mário Rubens Ribeiro Júnior
Pr. Mickael Sueygue Menezes Fiuza
Pr. Rafael Aguiar da Silva

Revisora
Antonia de Fátima Fuini

Capa
Tássia Gonçalves Pinheiro

Diagramação
Marinéia Dominice

Concept Art
Marcus Nati (Brother Bíblia)

ÍNDICE

01 O julgamento final

02 Encorajamento e conspiração

03 A celebração da ceia do Senhor

04 Uma promessa vazia

05 Jesus, o homem submisso e perfeito

06 A prisão de Jesus

07 Jesus, o acusado

08 Jesus, o negado

09 Jesus, o condenado

10 Jesus, o crucificado I

11 Jesus, o crucificado II

12 Jesus, o ressurreto I

13 Jesus, o ressurreto II

14 A grande comissão

Mc 13.14-37

1

O julgamento final

Pr. Frankylande Mendes Sobral

INTRODUÇÃO

Neste trecho temos a narrativa chamada de "a grande tribulação". Ainda que essa expressão seja oriunda de maneira mais precisa do relato de Mateus (24.21), Marcos usa palavras que destacam a natureza singular e a intensidade da tribulação que virá (v

. 19). Dessa forma, as palavras indicam que, embora em toda a história, o povo de Deus tenha convivido com tribulações, na consumação de todas as coisas haverá uma tribulação que sobrepujará todas as demais em sua intensidade e natureza. A linguagem, evidentemente, destaca cenas típicas do mundo no qual Jesus e os seus discípulos viviam e encontram seu cumprimento imediato na severa tribulação vivida pelos judeus em 70 d.C.. Entretanto, as palavras de Jesus transcendem o ambiente histórico imediato e nos remetem a contemplar um ponto no futuro quando haverá um cumprimento final das mesmas. Conforme Herman Ridderbos (2010, p. 355) afirma:

O futuro grandioso é descrito do ponto de vista da Judeia e de Jerusalém, pelo menos por Mateus e Marcos, mas essa descrição implica uma dinâmica universal que não pode ser entendida dentro desses limites. Esse é o motivo pelo qual de nada adiantará dizer que as profecias de Jesus têm uma tendência fortemente particularista e são muito limitadas. Num certo sentido, isso é inegavelmente verdadeiro, mas essas profecias estão relacionadas com uma área espacial e temporal muito mais ampla do que a da sua aplicação primária, algo que pode ser visto não apenas à luz de seu cumprimento como também em decorrência do seu conteúdo intrínseco.

Jesus começa com palavras que ecoam o que afirma o profeta Daniel (Dn 9.27; 11.31 e 12.11) e que já haviam sido cumpridas de modo imediato em 168 a.C. quando Antíoco Epifânio IV profanou o templo ao inserir nele um ídolo que representava Zeus e sacrificou um porco no altar dos holocaustos. Todavia, Jesus usa a mesma expressão (vs. 14) para significar a profanação do templo pelos romanos ao erguer no interior do mesmo uma imagem do imperador para fins de adoração. Assim, Mulholland afirma que "Os eventos que do outono de 66 até 70 A.D., que culminaram na destruição de Jerusalém são um cumprimento das palavras de Jesus (Lc 21.20-24)". Mas, para além do que aconteceu na queda do templo e da nação de Israel, essas palavras apontam para o futuro antes da vinda do Senhor quando o anticristo se levantará contra Deus e tentará tomar para si a adoração devida somente ao Deus verdadeiro (2ª Ts 2.4).

Conforme comenta Anthony Hoekema (2001, p. 187): no sermão profético Jesus está se referindo tanto à destruição iminente de Jerusalém como ao fim dos tempos, o primeiro, sendo um tipo do último. Por essa razão, podemos esperar que haverá um terceiro cumprimento maior da predição da "abominação que causa desolação" ou "abominação desoladora", encontrada na profecia de Daniel. Esse cumprimento final acontecerá no fim dos séculos, e envolverá o anticristo que, nas palavras de 2 Tessalonicenses 2.4, exaltará a si mesmo "contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus.

Após discorrer sobre a tribulação e a abominação desoladora, o Senhor Jesus lança uma nota de esperança em meio ao terrível cenário, afirmando que por amor aos seus escolhidos, ou seja, no contexto do Novo Testamento, por amor aos seus escolhidos não apenas dentre os judeus, aqueles dias terríveis de tribulação seriam abreviados (v. 20) e, finalmente, um novo alerta é feito quanto ao necessário cuidado com o surgimento de falsos cristos e falsos profetas (v. 21-23).

Marcos descreve algo que aconteceu nos dias que antecederam a destruição de Jerusalém e do templo, mas que será acentuado no período final antecedendo a segunda vida de Cristo, conforme nos esclarece Grant R. Osborne (2019, p. 240): A advertência a respeito de falsos profetas que realizam "sinais e maravilhas" ocorre em Deuteronômio 13.1-3. Com eles, o "homem do pecado" enganará muitos (2 Ts 2.3,9-12) e a besta que vem da ter-

ra fará muitos se desviarem (Ap 13.13,14; 16.14). "Se possível", no versículo 22, indica que Deus cuida do seu povo soberanamente e o protege, como o ato de "selar" em Apocalipse 7.1-4 e de "medir" em Apocalipse 11.1,2.

Portanto, Jesus nos fala que, para além da terrível tribulação vivida pelo povo judeu quando os romanos invadiram sua terra e destruíram o templo e a cidade de Jerusalém, haverá no fim da história um tempo de sofrimentos como nunca houve na história e no qual os crentes sofrerão terrivelmente, mas nunca serão abandonados por Deus e, finalmente, triunfarão com o Cordeiro de Deus sobre todos os seus inimigos (Ap 13.7-10).

1. A SEGUNDA VINDA DE CRISTO E O JUÍZO FINAL (v. 24-27)

Na penúltima sessão do discurso profético somos apresentados às palavras de Jesus a respeito da sua segunda vinda e do juízo final. Uma pergunta oportuna é quanto à aplicação das palavras de Jesus relatadas neste trecho e os eventos do ano 70 d.C., ou seja, de algum modo, ao mencionar sua vinda e o juízo final, Jesus estava se referindo à destruição do templo e à ruína da nação de Israel? Sim, de um modo limitado, podemos mesmo dizer simbólico, a vinda do juízo de Deus sobre a nação judaica está contida nas palavras de Jesus. De fato, mesmo o Antigo Testamento menciona o juízo divino com palavras que nos fazem lembrar as ditas por Jesus no Monte das Oliveiras (Is 13.9,10,13; 34.3-5). Aqui não precisamos alegorizar as palavras de Jesus para que as manifestações estonteantes dos versículos 24 a 27 sejam vistas na destruição do templo ou de Jerusalém. Basta entender que, em seu cumprimento mais próximo, a linguagem reproduz padrões do Antigo Testamento quanto ao juízo de Deus.

Mas, mais uma vez esse cumprimento imediato não esgota o sentido das palavras de Cristo e somos levados ao cumprimento remoto delas no fim da história quando Cristo retornar. Essa segunda vinda de Cristo provocará eventos tremendos como seus antecedentes e eles serão vistos por todos os homens (Lc 21.25-26; Ap 16.17,18).

Conforme James R. Edwards (2018, p. 498): Na época de Marcos (e, para alguns, na nossa), acreditava-se que as estrelas tinham poderes celestiais que influenciavam nos assuntos humanos. No fim dos tempos, todos esses poderes, reais e imaginários, serão obliterados. A imagem é de colapso cósmico total. As trevas e o caos envolverão tudo, como era antes da existência do tempo (Gn 1.2). Marcos descreve-

rá mais uma vez uma condição de "trevas sobre toda a terra" na cena da crucificação (15.33), como se as forças primais do caos lançassem mão de uma tentativa final e desesperada de engolir o Filho de Deus. Contudo, isso não pode acontecer. Algo acontece na escala cósmica, algo que aconteceu entre Jesus e leproso em (1.42): o "contágio divino" sobrepuja tudo que é impuro, e trevas e mal. A morte de Cristo apresenta a condenação das trevas, não sua vitória. Por conseguinte, o espectro de aniquilação nos versículos 24-27 instila confiança e esperança, e não pavor e horror! A destruição do mundo não pode eclipsar o retorno de Cristo, e ele, quando retornar, reunirá os seus para estarem com ele "para sempre" (1ª Ts 4.15-18).

Dessa forma, as palavras finais desse trecho destacam a chegada gloriosa de Cristo de maneira pessoal, visível, corpórea e triunfante (v. 26 – cf. Ap 19.11-21) e a reunião dos eleitos para viverem e reinarem com Cristo em glória (v. 27 – cf. Ap 7.9-17).

2. A FIGUEIRA E A VIGILÂNCIA CRISTÃ (v. 13.28-37).

Por fim, chegamos a um daqueles trechos da Escritura que têm seu sentido frequentemente torcido. Infelizmente não foram poucos aqueles que tomaram esse trecho para estabelecer uma espécie de "relógio para o juízo final". Nos anos 80, por exemplo, era comum esperar o fim do mundo a partir de uma compreensão desse trecho como que se referindo ao retorno de Israel para a sua terra e o reestabelecimento da nação. Mas será que era esse mesmo o sentido das palavras de Jesus para seus discípulos? Obviamente não! Precisamos nos lembrar que duas perguntas foram feitas ao Senhor Jesus no início deste capítulo (v. 4). Os discípulos indagaram o Senhor quanto à destruição do templo e, implicitamente, quanto ao fim do mundo. Então, de maneira clara, não há no texto nada que diga respeito a uma reconstrução da nação de Israel ou que Israel seja uma espécie de "relógio da profecia". Em verdade, esse trecho chama atenção para a necessidade de vigilância quanto aos dois eventos dos quais Jesus trata no discurso:

2.1 A vigilância e a destruição de Jerusalém (v. 28-31).

A conhecida e mal compreendida parábola da figueira não nos fala do fim do mundo, mas da certeza do juízo divino contra o templo e o povo judeu. Lembremos que no capítulo 11:12-14 o Senhor amaldiçoou uma figueira simbolizando assim seu juízo contra o templo e a nação judaica. Então, nos versículos 28 a 31 do capítulo

13 ele toma o exemplo da figueira que perdia completamente suas folhas no inverno para somente no fim da primavera e já próximo do início do verão voltar a tê-las. Dessa forma, fica claro que, assim como o brotar das folhas da figueira anunciavam a chegada do verão, os sinais apontados por Cristo nos versículos 3 a 23 apontavam para a chegada do juízo contra Israel em 70 d.C., portanto, ainda dentro da geração que ouviu Jesus ter proferido essas palavras (v. 30, 31). Dessa feita, a parábola não se refere ao fim dos tempos, mas ao juízo sobre Israel.

2.2 A vigilância e a segunda vinda de Cristo (v. 32-37).

A partir desse ponto, nosso Salvador passa a falar não mais a respeito da queda de Jerusalém, mas sobre a pergunta implícita dos discípulos em Marcos 1.4, porém evidente em Mateus 24.3 "...e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século?". A resposta de Jesus inicia por destacar a exclusividade do Pai quanto aos detalhes (dia e hora) da segunda vinda. Isso não nega a divindade do Filho, mas ressalta que, na administração ou economia da salvação, há questões que são inerentes a cada uma das Pessoas da Santíssima Trindade. Em verdade, quanto à sua divindade Jesus é tão onisciente quanto o Pai o é, mas precisamos nos lembrar de que Ele não possui apenas a natureza divina, possui também a natureza humana real e, por isso, suas palavras em Marcos 13.32 precisam ser entendidas nesse contexto, o da humanidade de Jesus. Em sua natureza humana Jesus precisou aprender muitas coisas, desde questões básicas como falar e andar, inclusive a obedecer a Deus (Hb 5.8). Certamente, embora soubesse muitas coisas sobre os planos de Deus enquanto homem, ele declara que algumas dessas coisas não foram deixadas para o conhecimento dele no tocante à natureza humana.

Neste ponto, Jesus apresenta uma breve parábola para destacar a necessidade de seus servos estarem sempre vigilantes enquanto aguardam pelo retorno do seu Rei (v. 33-36). Se a parábola anterior tratava da vigilância em relação ao juízo sobre a nação israelita, essa lança seu alerta para os dias futuros enquanto os crentes aguardam pelo seu Senhor.

Citando mais uma vez Edwards (2018, p. 504): A parábola foca o porteiro que tem apenas uma "tarefa". A palavra grega para "tarefa" é *exousia*, a mesma palavra usada para a autoridade divina de Jesus. Aqui o termo indica a responsabilidade que legitima a posição de porteiro – *vigiar*. Viver fielmente no presente, estar atento aos sinais

e estar pronto a qualquer hora para o retorno do senhor não é uma tarefa entre outras; essa é a única tarefa do porteiro. Os discípulos são como os porteiros: sua única vocação é, "portanto, vigiar" (vs. 35), qualquer que seja o momento – "à tarde, à meia-noite, ao cantar do galo ou ao amanhecer" (vs. 35).

Os dois últimos versículos (vs. 36 e 37) concluem o alerta de Jesus sobre a necessidade de seriedade, compromisso, atenção durante a espera cuidadosa pelo retorno do senhor da casa. Ao contrário do que acontece com muitos que, infelizmente demonstram uma curiosidade maligna pelas questões relacionadas à volta de Cristo, o Senhor deixa claro que seu objetivo não é satisfazer a curiosidade dos discípulos que lhe interpelaram, mas alertar seu povo sobre a vigilância cuidadosa que ele espera de cada um dos que lhe pertencem.

CONCLUSÃO

Podemos concluir de maneira concisa essa reflexão sobre Marcos 13 chamando a atenção para alguns pontos essenciais no discurso de Jesus: 1) Toda a história está sob o controle de Deus que a conduz de acordo com seu propósito e para a sua glória e felicidade eterna dos seus filhos; 2) Os crentes, ao longo da história, podem esperar passar por dificuldade diante da proliferação do mal no mundo, no entanto, podem contar com o cuidado de Deus em todo tempo; 3) A realidade quanto ao juízo de Deus deve nos inspirar um profundo arrependimento por causa do pecado, pois Deus não trata de maneira indiferente o mal que praticamos contra ele; 4) Para os escolhidos de Deus o fim da história é a bem-aventurança eterna com o Senhor Jesus Cristo e 5) Nosso Senhor nos chama a uma vida de atenta vigilância na espera pelo seu retorno em sua gloriosa segunda vinda.

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: SBB, 1993.

EDWARDS, J. R. O Comentário de Marcos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.

HOEKEMA, Anthony. A Bíblia e o Futuro: a doutrina bíblica das últimas coisas. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

MULHOLLAND, D. M. Marcos: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1999.

OSBORNE, G. R. Marcos. São Paulo: Vida Nova, 2019.

RIDDERBOS, Herman. A Vinda do Reino. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

Mc 14.1-11

2

Encorajamento e conspiração

Pr. Rafael Aguiar da Silva

INTRODUÇÃO

O pastor John MacArthur, escrevendo sobre a morte de Jesus, inicia seu livro dizendo: "Os anos recentes testemunharam um interesse sem precedentes pelo funcionamento do sistema judiciário da nossa sociedade. [...] Agora temos a Televisão do Fórum, um canal a cabo inteiramente dedicado a mostrar como a justiça é feita nas salas dos tribunais. Ou às vezes a ***in***justiça. Se a presença de câmeras de televisão nas salas de tribunais deixa qualquer coisa clara, é que o sistema de justiça criminal nem sempre funciona. [...] Os tribunais humanos têm uma destreza misteriosa para virar a justiça completamente de cabeça para baixo. O injusto frequentemente prospera enquanto o íntegro sofre injustamente"[1]

A passagem de Marcos 14.1-11 é um pequeno sanduíche, que de forma concisa nos mostra três movimentos, no centro deles está Cristo, que consciente de tudo ao seu redor segue para cumprir sua missão: beber o cálice! Será crucificado, mas antes será ungido para isso.

Observemos cada movimento separadamente:

1. A CONSPIRAÇÃO (v. 1-2)

A grande festa de Israel se aproxima, a cidade está cheia de judeus e, naquele grande ajuntamento, existe um grupo seleto, "*os principais sacerdotes e os escribas*" (14.1) que procuram matar a Jesus. Marcos nos diz que eles "*procuravam como o prenderem, à traição, e o matariam*" (14.1). Eles estão tramando, usando de astúcia, arquitetando um embuste, pois não desejam confusão no dia da festa.

Esse é o primeiro movimento, estão se levantando contra Cristo para prendê-lo e o matarem por meios escusos. Enquanto planejam prender o Rei e o invejam (Mt 27.18) e arquitetam um plano para o matar, ele é ungido para sua morte, em ato de adoração.

Não existe no dicionário uma palavra melhor para esse ajuntamento: "Na realidade, o assassinato de Jesus foi uma grande **conspiração** que envolveu Roma, Herodes, os gentios, o sinédrio e o povo de Israel – vários grupos que, à parte desse acontecimento, raramente estavam de acordo entre si. Aliás, é significativo que a crucificação de Cristo seja o ***único*** acontecimento histórico em que todas essas facções trabalharam juntas para alcançar uma meta comum. Todos foram culpados (At 4.27). [...] Assim, não justifica pôr a culpa pela morte de Jesus em nenhum grupo. Ela foi, em essência, um ato coletivo da humanidade pecadora contra Deus."[2] Mas enquanto eles planejam o mal, os desígnios divinos são cumpridos para o bem.

2. DEVOÇÃO PROFUNDA (v. 1-9)

Jesus está em Betânia, as passagens correlatas entregam mais detalhes (Mt 26.6-13; Jo 12.1-8). Marcos, sendo o mais breve e dinâmico dos evangelhos, não menciona o nome das pessoas envolvidas, com exceção de Simão, que é o anfitrião. Provavelmente esse Simão fora um leproso curado por Cristo (Mt 26.6).

Cristo estava reclinado, quando "*veio uma mulher trazendo um vaso de alabastro com preciosíssimo perfume de nardo puro; e, quebrando o alabastro, derramou o bálsamo sobre a cabeça de Jesus*" (3). Considere as seguintes informações sobre esse perfume antes de ler o versículo 5.

O vaso de alabastro continha um preciosíssimo perfume que equivalia a 300 denários, sendo que um denário era o valor que se pagava por um dia de trabalho. Era algo muito caro, talvez fosse uma herança de família, e quem sabe, o bem mais precioso que a mulher tinha em mãos.

Com essas breves informações, considere o versículo 5: "*Indignaram-se alguns entre si e diziam: Para que este desperdício de bálsamo? Porque este perfume poderia ser vendido por mais de trezentos denários e dar-se aos pobres. E murmuravam contra ela*".

A palavra grega para "*indignar-se*" indica o bufar dos cavalos. Diante do que aconteceu, os discípulos se uniram em coro para criticar aquela mulher. O que ela fez não fazia sentido para eles. Houve uma indignação e

murmuração de um lado e do outro um ato de adoração e profunda devoção. Existe um contraste que o texto nos mostra entre o serviço humilde dessa mulher para Cristo e reação indagadora e depreciadora dos discípulos que viam apenas desperdício. O perfume era muito valioso, de fato. Mas, existe algo custoso demais para ser derramado aos pés de Cristo? Será que existe algo que tenha mais valor do que Cristo?

Talvez aquela mulher, naquele momento, não entendesse muitas das implicações da sua ação, mais uma coisa ela soube discernir: nada é mais precioso do que Jesus! O que são trezentos denários? O que é um perfume preciosíssimo? O que são as belezas do mundo quando comparadas a Cristo? Nada, não têm peso algum!

Os discípulos ficaram indignados, provavelmente, houve uma discussão entre eles e Judas manifestou o que havia em seu coração (Mt 26.8, Jo 12.4). Em geral é mais um dos episódios onde os discípulos não compreendem o que está acontecendo, então Jesus explica (14.6-9): "*Ela praticou boa ação para comigo*" (14.6), aquela mulher fez uma boa obra e não deve ser molestada por isso. O Rei é ungido, nas vésperas da sua morte, um ato honroso para um Rei.

"*Os pobres sempre tendes*" (14. 7). Nas vésperas da Páscoa era costume dar oferta aos pobres (14.5; Jo 13.29), a afirmação de Cristo significa que sempre haverá oportunidades para fazer bem aos pobres. A segunda parte é muito importante na explicação: "*mas a mim nem sempre me tendes*", ou seja, aquela era a oportunidade singular de ministrar ao Rei, pois em breve ele já não estaria junto aos seus discípulos.

Jesus apontou que o ato daquela mulher era o prenúncio do seu sepultamento quando disse: "*antecipou-se a ungir-me para sepultura*" (14.8). Indicação clara da sua morte e sepultamento, da sua obra como servo sofredor. Logo em seguida, temos o fato curioso de que por onde o evangelho for pregado, também seria contado o que aquela mulher fez (14.9).

O evangelho será pregado pelo mundo, os discípulos como arautos vão espelhar o evangelho, e aquela "boa ação" será lembrada como um serviço amoroso e serve de exemplo para todos os discípulos. Esse fato mostra que o verdadeiro discipulado é marcado por amor sacrificial e aquela consciência de que Jesus é o supremo bem.

3. A TRAIÇÃO (v. 10-11)

Os versículos 11 e 12 fecham o sanduíche, eles fazem par com os

versículos 1 e 2. A ação de Judas (11-12) é a resposta para o desejo dos sacerdotes e fariseus (1-2). Observe os contrastes, as atitudes diferentes perante Jesus Cristo:

Uma mulher derramou um perfume precioso, uma herança de família, um grande valor em dinheiro sobre a cabeça do seu Senhor em um ato de adoração. Por outro lado, um dos discípulos, que acha esse ato desnecessário, vende o mestre pelo preço de um escravo (Êx 21.32 e Mt 26.15). O coração daquela mulher, em profunda devoção, é derramado aos pés do Senhor, mas o coração de Judas acelera os pés para vender o mestre, aquele que nada neste mundo poderia comprar! Judas fica indignado com o ato de preparação, de unção do Senhor para morte, mas faz a alegria daqueles que querem matar o Senhor (14.11).

"O Sinédrio, sem dúvida, teve prazer especial no fato de que eles foram auxiliados na sua conspiração por um dos discípulos mais íntimos de Jesus. Eles também podem ter imaginado que isso, de alguma maneira, justificava os seus planos malvados. E, desse ponto em diante, Judas começou a procurar uma oportunidade para trair Jesus. Tendo já aceitado dinheiro pelo feito, ele estava irrevogavelmente comprometido. [...] E finalmente decidiu que a melhor oportunidade estaria no jardim aonde Jesus ia frequentemente orar sozinho com seus amigos mais íntimos" [3]

Perceba o contraste, perceba o coração, mas também perceba Cristo, que segue resoluto para cumprimento de sua missão!

CONCLUSÃO

A conspiração e traição não anulam a devoção profunda dos verdadeiros discípulos, tampouco podem frustrar os desígnios de Deus que seriam cumpridos na morte de Jesus.

Talvez aquela mulher tenha ungido Jesus sem entender todas as implicações do que fez naquela ocasião, mas aquela unção foi uma ação honrosa, ela antecipou-se para ungir o Senhor para a sepultura, honrando-o pelo ato salvífico que realizaria em breve. Isso nos ensina que todos os discípulos deveriam adorar e louvar a Jesus pelo que ele fez em nosso favor.

No centro do sanduíche (Mc 14.3-9) temos um ponto alto, que salta para nos ensinar sobre a excelência e o valor máximo de Jesus, e como devemos amá-lo como nosso bem mais preciso, como o *sumo bem* das nossas almas: Amar a Cristo é uma marca do discipulado!

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Qual dos movimentos em relação a Cristo chamou sua atenção de maneira especial?*

- *O que o Senhor queria dizer quando afirmou: "Porque os pobres, sempre tendes convosco e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes bem, mas a mim nem sempre me tendes" ?*

- *Qual marca do discipulado cristão podemos extrair da passagem?*

---

1 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação de Cristo – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 11,13.

2 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação de Cristo – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 19.

3 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação de Cristo – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 34.

Mc 14.12-26

3

A Celebração da Ceia do Senhor

Pr. Rafael Aguiar da Silva

INTRODUÇÃO

Quem ouve a palavra *Páscoa* hoje e vê toda a performance comercial em torno dela com ovos e coelhos e absurdos de todo tipo, não imagina o quão longe está da importância dessa celebração. "Quatro dias antes da Páscoa, no dia 10 de Nisã, cada família em Israel escolhia um cordeiro sacrificial sem mancha e separava aquele animal do resto dos rebanhos até a Páscoa, quando o cordeiro seria morto (Êx 12.3-6). Vale lembrar que registros históricos dos dias de Jesus indicam que cerca de um quarto de milhão de cordeiros eram mortos na época de Páscoa típica, [...]. Visto que todos os cordeiros eram mortos durante um período de duas horas, logo antes do crepúsculo do dia 14 de Nisã (Êx 12.6), haveria a necessidade de aproximadamente seiscentos sacerdotes, que matariam uma média de quatro cordeiros por minuto, para realizar a tarefa em uma única noite.

A quantidade de sangue que resultava de todos esses sacrifícios era enorme. O sangue podia fluir pelo íngreme declive oriental do monte do templo até o Vale de Cedrom, onde deixava o riacho tingido de um vermelho vivo durante um período de vários dias. Era uma lembrança vívida do preço terrível do pecado".[1]

Marcos 14.12-26 então narra os acontecimentos que precedem a prisão, morte e ressurreição do Senhor. O texto nos mostra a soberana consciência de Cristo, o Cordeiro de Deus, e sua autoridade sobre todas as coisas que estão acontecendo ao seu redor. A consciência soberana e autoridade de Cristo podem ser vistas:

1. PREPARAÇÃO PARA A PÁSCOA (v. 12-16)

Era o primeiro dia da festa dos Pães Asmos, Marcos destaca "*quando se fazia o sacrifício do cordeiro pascal*" (12). Cristo certamente participou várias vezes desse momento, observava e sabia o significado daqueles cordeiros que eram sacrificados, pois desde a instituição da Páscoa, apontavam para ele, eram sombras dele. Essa será sua última Páscoa com os discípulos, e ele mesmo é o cordeiro que será sacrificado.

Os discípulos perguntaram, "*onde queres que vamos fazer os preparativos para comeres a Páscoa?*" (12). Observe atentamente a resposta de Cristo, e como ela demonstra sua soberana consciência sobre tudo: "*Ide à cidade, e vos sairá ao encontro um homem trazendo um cântaro de água; segui-o e dizei ao dono da casa onde ele entrar que o Mestre pergunta: Onde é o meu aposento no qual hei de comer a Páscoa com os meus discípulos? E ele vos mostrará um espaçoso cenáculo mobilado e pronto; ali fazei os preparativos*".

Cada um dos detalhes foi cumprido, uma vez que os discípulos acharam tudo como Jesus tinha dito (14.16). Existe uma conspiração (14.1-2), uma traição (14.10-11), mas nada disso ofusca ou dificulta a consciência soberana e o controle de Cristo sobre qualquer circunstância ao seu redor (14.12-16), pois ele exerce controle sobre os fatos que antecedem sua morte.

A soberana consciência e autoridade de Cristo é demonstrada pela:

2. INDICAÇÃO DO TRAIDOR (v. 17-21)

Já estavam à mesa e comiam, quando Jesus declarou: "*Em verdade vos digo quem um dentre vós, o que come comigo, me trairá*" (14.18). Os questionamentos surgiram. De fato, os discípulos não sabiam quem era o traidor, mas Cristo sabia, e continuou dizendo: "*É um dos doze, o que mete comigo a mão no prato*" (14.20), isso indica a proximidade daquele que o trairia, mas a traição não era surpresa nenhuma para aquele que conhece os pensamentos dos homens.

Além de saber quem era o traidor, ele tem consciência da sua missão e do juízo daquele que o trai como está escrito: "*Pois o Filho do Homem vai, como está escrito a seu respeito; mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!*"

Vejamos os dois lados dessa maravilhosa verdade. "*Pois o Filho do Homem vai, como está escrito a seu*

respeito", tudo o que a Escritura diz a respeito dele vai se cumprir, inclusive sua traição (Sl 41.9). Outros textos no próprio evangelho de Marcos indicam isso (8.31;9.12), o próprio Senhor ensinou a esse respeito diretamente aos discípulos no caminho de Emaús (Lc 24.25-27) e depois aos demais (Lc 24.44). Foi o decreto, a predeterminação divina, a boa mão de Deus que determinou a morte do Filho para redenção do seu povo (Is 53.4,10,11; At 4.24-28).

Por outro lado, o traidor não é isento da sua culpa, do seu pecado e do julgamento. Observe o texto: "*ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido*". Esse "*ai*" é um juízo sobre Judas, ele é um agente responsável, pois a predeterminação divina não violenta a vontade do homem[2]. Judas agiu movido pela sua vontade, levantou seu calcanhar contra o Senhor, e recebeu a justa punição, ele agiu conforme seus próprios intentos pecaminosos, e isto foi conforme as Escrituras (At 1.15-19).

Jesus foi entregue pelo "*determinado conselho e presciência de Deus*" (At 2.23); mas apesar disso, ele foi crucificado e morto pelas mãos dos injustos, a pregação apostólica toca nesse ponto (At 2.23; At 3.11-15, 17,18; 4.10,27,28;5.30).

Perceba que, mesmo diante da falta de conhecimentos dos discípulos, da conspiração, da traição, das horas amargas que o esperam, o Senhor Jesus Cristo, continua no controle de toda a situação! Quando ele anuncia que será traído, confirma suas predições sobre seu sofrimento e morte.

A soberana consciência e autoridade de Cristo pela:

3. INSTITUIÇÃO DA CEIA (v. 22-26)

Lembre-se de que eles estavam celebrando a Páscoa, festa antiga e que foi cercada de tradições e tinha uma liturgia própria[3] onde cada membro da família cumpria determinada função e o pai, era aquele que a celebrava. A liturgia dessa festa envolvia quatro cálices, cada um deles antecedido e seguido por uma sequência de atos que louvavam a Deus e rememoravam seus feitos em favor de Israel na libertação do Egito. No lar, era o pai o celebrante, entre um grupo de discípulos o mestre celebrava. No meio desse evento, Jesus instituiu a Ceia como refeição da Nova Aliança, pois a Páscoa se cumpre perfeitamente nele.

Observemos cada uma das declarações do Senhor:

a) "Tomai, isto é o meu corpo"

(22). Jesus tomou um pão, que o anfitrião da cerimônia entregaria em silêncio, interpretou-o de modo salvífico apontando para sua morte e disse: "*Tomai, isto é o meu corpo*". O corpo de Cristo, moído por nossas transgressões, trouxe-nos redenção, Cristo estava apontando para essa realidade.

b) "Isto é o meu sangue" (24). Jesus tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos seus discípulos (14.23), depois, lhes disse: "*Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos*". À semelhança do pão, que foi chamado de "*meu corpo*", o cálice com vinho é chamado de "*meu sangue*". Considerando a simbologia dos sacrifícios do AT e da própria Páscoa, onde um cordeiro foi imolado e seu sangue usado para proteger os primogênitos dos hebreus lá no Egito, o sangue de Cristo seria derramado para expiação, "*derramado em favor de muitos*" (14.24), aquele sangue selaria a Nova Aliança.

c) "Até aquele dia" (25). Essa parte final aponta para um baquete futuro, escatológico. Até "*aquele dia*" não beberá ele do fruto da videira (14.25), Carlos Osvaldo destacou que essa parte da fala de Cristo apontava para a consumação do programa do Reino em sua segunda vinda[4]. Seguindo a mesma tônica, a celebração posterior da ceia do Senhor continua com essa proclamação escatológica (1ª Co 11.26). Tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras (14.26), Cristo e os onze, pois Judas foi traí-lo.

Jesus, no ato da refeição pascal, a investiu de um sentido muito mais profundo, pois ele mesmo seria o sacrifício da Nova Aliança. Seu corpo seria dilacerado à semelhança do pão, seu sangue seria derramado como o vinho, seu sacrifício em favor do seu povo seria realizado, como o cordeiro fora sacrificado no lugar dos primogênitos.

Não podemos deixar escapar o ato providencial de Deus, que determinou que o nosso Senhor fosse crucificado na semana da Páscoa, sendo ele mesmo o cordeiro de Deus sacrificado para redenção do seu povo.

Jesus com sua soberana consciência e autoridade sabe das circunstâncias que estão a sua volta, ele as conhece profundamente, sabe o significado daquele momento, sabe do seu sacrifício, e mesmo assim prossegue para o cumprimento da sua missão.

CONCLUSÃO

Nessa passagem, onde a soberana consciência do nosso Senhor, sua autoridade e obra são destacadas, aprendemos que ele caminha para seu destino

sozinho, ainda assim, nada escapa ao seu conhecimento e autoridade. Essa soberania de Cristo reflete a soberania de Deus sobre todas as coisas, inclusive sobre cada detalhe que o cerca.

Cristo é o cordeiro imolado, a morte dele é um evento redentor. Quando Jesus instituiu a Ceia, interpretando aqueles elementos como apontando para sua obra, ensinou-nos que, por meio do seu sofrimento e sangue derramado, salvaria seu povo.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Como o texto nos apresenta a consciência soberana e a autoridade de Cristo?*

- *Já pensou sobre como a soberania de Deus foi aplicada no cumprimento da missão de Cristo? Os homens poderiam frustrar os desígnios de Deus?*

- *Em poucas palavras fale sobre o significado da ceia.*

---

1 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação de Cristo – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 36.

2 Consulte o capítulo III da confissão de fé da AICEB

3 A liturgia dessa festividade é chamada de "Seder de Pessach/jantar de páscoa", O Seder é cheio de simbolismo, utensílios, comidas apropriadas para a ocasião, leitura, cânticos, o pão, e os 4 cálices de vinho que são respectivamente: 1º Cálice da Santificação,2º Cálice da Libertação,3º-Calice da redenção e 4º Cálice do louvor. Em cada parte, há uma ordem a ser seguida.

4 Carlos Osvaldo Cardoso Pinto, Foco & Desenvolvimento no Novo Testamento, org. Juan Carlos Martinez, 2a Edição revisada e atualizada (São Paulo: Hagnos, 2014), 114.

Mc 14.27-31

4

Uma promessa vazia

Pr. Marinaldo Mota da Rocha Júnior

INTRODUÇÃO

Quando guiado pelos seus sentimentos, o ser humano, muitas vezes, tende a agir impulsivamente, assumindo compromissos com excessiva autoconfiança, mas sem avaliar suas consequências. Como resultado, tais compromissos, frequentemente, revelam as promessas vazias e ineficazes, evidenciando a fragilidade da natureza humana.

O episódio narrado nesse texto do Evangelho de Marcos apresenta um diálogo de Jesus com os seus discípulos no caminho do monte das Oliveiras, após a última Ceia. Nessa ocasião, o próprio Cristo, citando as Escrituras, anuncia que seria abandonado por todos seus discípulos. Pedro, impulsivo e autoconfiante, discorda das palavras de Jesus e promete nunca o abandonar, mesmo que isso lhe custasse a vida. No entanto, Jesus enfatiza que Pedro o negaria.

O diálogo apresentado nesse episódio, pode ser dividido em três partes: (1) A revelação da fraqueza humana (v.27-28); (2) Uma promessa vazia fundada na autossuficiência (v.29-31a); Uma promessa vazia fundada na influência humana (v.31b).

1. A REVELAÇÃO DA FRAQUEZA HUMANA (v.27-28)

Esta é a última noite de Jesus antes da crucificação. Após a solene celebração da Última Ceia, ele e seus discípulos dirigem-se ao Monte das Oliveiras. Tendo já revelado a presença de um traidor entre eles, Jesus agora faz uma declaração ainda mais impactante: todos os seus discípulos iriam abandonálo! Essa afirmação de Jesus é uma citação do texto de Zacarias 13:7, onde Deus anuncia: "*Ferirei o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas.*"

A afirmação de Jesus compõe uma série de profecias que comprovam o cumprimento

das Escrituras, revelando o desdobramento do plano soberano de Deus. Por sua vez, a dispersão dos discípulos, demonstra a fraqueza humana. Eles estão prestes a mostrar sua infidelidade diante da tensão e do temor dos fatos que antecedem a prisão e morte de Jesus.

Não obstante, todos os acontecimentos ali integram-se ao cumprimento da vontade divina que governa cada detalhe da obra redentora. Embora a infidelidade dos discípulos seja evidente na dispersão, o propósito de Deus permanece inalterável, demonstrando que ele é quem conduz todas as coisas conforme o seu beneplácito.

A fuga dos discípulos expõe a fragilidade do coração humano, incapaz de manter-se fiel sem a graça sustentadora do Senhor. Eles, que haviam testemunhado os milagres de Jesus, ouvido seus ensinos e prometido lealdade, agora estão prestes a agir, dominados pelo medo e pela incerteza.

No entanto, mesmo diante dessa debilidade, Jesus não os descarta. Pelo contrário, ele já anuncia a restauração, prometendo encontrá-los novamente na Galileia após sua ressurreição (v. 28). Esse compromisso revela que, embora os discípulos falhem, a fidelidade de Cristo permanece inabalável[1]. Sua obra redentora não depende da força ou da constância humana, mas da graça soberana e imutável de Deus.

2. UMA PROMESSA VAZIA FUNDADA NA AUTOSSUFICIÊNCIA (v.29-31a)

Ao ouvir as palavras de Jesus, mesmo fundamentadas em uma profecia do Antigo Testamento, Pedro, de forma impulsiva, responde com uma autoconfiança ilusória, assegurando que jamais abandonaria o Mestre. Ele se considera diferente dos demais, pois, embora não descarte a possibilidade de seus companheiros falharem, acredita estar acima dessas fraquezas. Sem dúvida, havia uma boa intenção da sua parte, que era demonstrar um compromisso de fidelidade ao Senhor, porém, tratava-se de uma promessa vazia, baseada em sua própria força, e não na dependência de Deus.

Após a resposta impulsiva de Pedro, Jesus é ainda mais enfático na sua afirmação e diz que Pedro não somente o abandonaria, mas que naquela mesma noite, antes que o galo cantasse duas vezes, ele o negaria três vezes. Esse não seria um acontecimento distante, mas algo que ocorreria dentro das próximas horas. Antes do amanhecer, Pedro, negaria a Jesus três vezes consecutivas. Assim, Jesus expõe a fragilidade da fala impulsiva e emocional de Pedro[2], que não passava de uma promessa vazia.

Apesar da clara advertência de Jesus, Pedro insistiu em refutar as palavras do Mestre, agora com ainda mais veemência. Convencido

de que conhecia sua própria força melhor do que o próprio Deus, ele declarou que estaria disposto a morrer por Cristo e que jamais o negaria. Embora sua intenção parecesse sincera, sua confiança estava mal colocada: ele depositava fé em si mesmo, e não na suficiência de Cristo.

Essa autossuficiência, no entanto, revelou-se frágil e incapaz de sustentá-lo diante da prova. Quando confrontado com o medo e a perseguição, a determinação de Pedro desmoronou, expondo a realidade de que, sem Cristo, o ser humano nada pode fazer (João 15:5).

3. UMA PROMESSA VAZIA FUNDADA NA INFLUÊNCIA HUMANA (v.31b)

Como se não bastassem as advertências de Jesus a Pedro, os demais discípulos, igualmente impulsivos, fizeram o mesmo compromisso. Nenhum deles compreendeu a gravidade do que estava prestes a acontecer. Suas promessas não eram fruto de uma fé sólida, mas da influência de Pedro, que, tomado pela autoconfiança, liderava o grupo em uma declaração vazia de fidelidade.

No entanto, assim como Pedro, nenhum deles foi capaz de sustentar suas palavras. Esse episódio evidencia, mais uma vez, a fragilidade humana, que, ao confiar em suas próprias forças, revela-se incapaz de permanecer firme diante da prova. As promessas dos discípulos, embora sinceras no momento, estavam baseadas na emoção e em uma visão distorcida de suas próprias capacidades. Eles reduziram a verdade das Escrituras e a soberania de Deus ao próprio entendimento e à ilusão de autossuficiência.

Essa atitude demonstra uma falha em reconhecer a necessidade absoluta da graça divina. Ao invés de se apoiarem nas verdades das Escrituras, os discípulos fizeram promessas confiando em suas próprias forças, o que os levou ao fracasso. A verdadeira fidelidade não nasce da autoconfiança, mas da humilde submissão à Palavra de Deus.

CONCLUSÃO

A história de Pedro e dos discípulos revela uma verdade essencial: a autoconfiança humana, por mais bem-intencionada que seja, é frágil e insuficiente. As promessas feitas a partir do impulso, da emoção ou da opinião nas próprias forças estão fadadas ao fracasso, pois o coração humano é inconstante e vulnerável. Pedro acreditava que poderia permanecer firme por conta própria, mas quando a prova chegou, ele descobriu sua incapacidade de sustentar a palavra dada.

No entanto, essa passagem não termina com a queda de Pedro e dos discípulos. Pelo contrário,

ela aponta para a graça de Cristo, suficiente para restaurar aqueles que falham. Jesus não apenas previu a dispersão dos discípulos, mas também prometeu encontrá-los novamente na Galiléia. Isso demonstra que a fidelidade de Deus não depende da força humana, mas da de sua graça soberana.

Diferente das promessas vazias do homem, **a promessa de Deus é firme e verdadeira**[3]. Ele sustenta os fracos e restaura os que falham. Os discípulos não foram chamados a confiar em sua própria capacidade, mas a depender completamente de Cristo, aquele que os amou, resgatou-os e os fortaleceu por sua graça.

Portanto, ao olhar para essas verdades bíblicas, cada pessoa deve abandonar qualquer confiança em si mesma e depositar toda sua esperança na suficiência de Cristo. Nele, encontra-se a única promessa que nunca falha, pois "se somos infiéis, ele permanece fiel, uma vez que não pode negar-se a si mesmo" (2ª Timóteo 2:13).

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Como a fragilidade humana se manifesta em sua própria vida quando enfrenta dificuldades e provações?*

- *Você já fez promessas a Deus baseadas em sua própria força ou emoção? Como foi a experiência e qual foi o resultado?*

- *Por que a autossuficiência pode ser perigosa na caminhada cristã? De que modo podemos depender mais de Cristo e menos de nós mesmos?*

- *Como a influência de outras pessoas pode moldar nossas decisões espirituais? Você já se sentiu levado a assumir compromissos sem uma base sólida na Palavra de Deus?*

- *De que forma a fidelidade de Cristo, mesmo diante de nossa infidelidade, traz esperança e segurança para sua vida?*

---

1 RYLE, J. C. Meditações no Evangelho de Marcos. 2. ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2018.

2 HENDRIKSEN, W. Marcos. Tradução: Lucas Ribeiro. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014

3 HENDRIKSEN, W. Marcos. Tradução: Lucas Ribeiro. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014.

Mc 14.32-42

5

Jesus, o homem submisso e perfeito

Mickael Sueygue Menezes Fiuza

INTRODUÇÃO

Existem diversas situações em que a natureza humana é expressa integralmente e de forma diferente do resto da criação, situações em que as nossas emoções são expressas, ocasiões em que sentimentos como medo e dor revelam nossa humanidade. Você já parou para pensar em quais aspectos Jesus Cristo se identifica conosco? Como ele expressou em sua vida sua identificação com o ser humano? De fato, toda sua vida foi uma completa expressão e identificação conosco pois ele é o Verbo que se fez carne; entretanto, você já parou para imaginar que houve ocasiões em que essa verdade se tornou mais evidente ainda?

Uma dessas ocasiões se dá no episódio de Jesus no Getsêmani onde é narrado que o Senhor Jesus, compreendendo o que estava por vir, sentiu grande agonia pois entendia que só havia um jeito, doloroso e sofredor, de representar a humanidade diante do Pai. Em face dessa situação, Jesus Cristo nos deixa exemplos de um relacionamento perfeitamente submisso com Deus Pai.

1. JESUS NOS RESPRESENTA POR MEIO DA ORAÇÃO (v. 32-34)

[32] Então, foram a um lugar chamado Getsêmani; ali chegados, disse Jesus a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou orar.[33] E, levando consigo a Pedro, Tiago e João, começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia.[34] E lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai.

Jesus Cristo já sabia da tribulação que lhe aguardava e, diante disso, toma a atitude de se reservar no jardim das oliveiras, também chamado Getsêmani, para ali se colocar em oração diante de

Deus Pai. A sua intenção era de que em face a tamanha angústia que o tomava ele recorresse ao Pai para que por meio da oração pudesse ser preparado para fazer a vontade de Deus.

O Senhor leva consigo alguns de seus discípulos para que o acompanhassem e vigiassem também em oração diante daquela calamidade e do pavor que tomava conta dele. O Senhor deixa claro aos seus discípulos que precisava separar-se para orar a Deus, e assim o faz pois estava "**triste até a morte",** ele compreendia que somente se prostrando diante do Pai poderia ser preparado mesmo diante do pavor e angústia.

Este trecho evidencia como o próprio Senhor Jesus Cristo enfrentou tristeza e aflições profundas diante daquilo que Deus o havia chamado para fazer e, diante disso, sua resposta foi recorrer ao Pai em oração a fim de colocar diante dele a sua dor e sofrimento.

2. JESUS NOS REPRESENTA NA SUBMISSÃO A DEUS (v. 35-36)

[35] E, adiantando-se um pouco, prostrou-se em terra; e orava para que, se possível, lhe fosse poupada aquela hora.[36] E dizia: Aba, Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres.

Marcos começa narrando essa unidade, mostrando como a reação de Jesus Cristo diante da sua tristeza foi recorrer ao Pai em oração, agora ele deixa claro qual foi o conteúdo do clamor do Senhor e qual era sua finalidade.

O Senhor Jesus tomado por pavor deixou evidente em sua oração que sabia toda a humilhação que o aguardava, de forma que, em meio a tanta angústia, pedia ao Pai para que, se possível, ele fosse poupado. Jesus Cristo não pretendia de modo algum atacar a vontade do Pai ou fugir da sua responsabilidade, antes disso, apenas sofria a dor de saber o sacrifício que lhe estava reservado para cumprir como substituto dos homens. Essa situação se evidencia pelo modo como Jesus se dirige ao Pai, clamando "**Aba, Pai"** expressão vinda do aramaico que pode ser traduzido como "Papai", um dito partindo de um filhinho submetido a autoridade do Pai. Com isso, Jesus Cristo deixa claro que se submetia ao Pai de modo perfeito ao aceitar a vontade divina em despejar o cálice de sua ira sob Jesus Cristo no lugar dos homens.

A oração de Jesus expressa o seu compromisso em tomar o lugar dos homens para que sua missão fosse cumprida e, acima de tudo, demonstra a sua perfeita humanidade sem pecado no fato de ter sido submisso à vontade do Pai mesmo diante do grande sofrimento que lhe aguardava.

3. JESUS E O ALERTA CONTRA A FRAQUEZA HUMANA (v. 37-40)

37 Voltando, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Simão, tu dormes? Não pudeste vigiar nem uma hora?38 Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.39 Retirando-se de novo, orou repetindo as mesmas palavras.40 Voltando, achou-os outra vez dormindo, porque os seus olhos estavam pesados; e não sabiam o que lhe responder.

O escritor Marcos inicia o registro dessa passagem, apontando para a atitude de Jesus Cristo em buscar ao Pai em oração em meio a sua aflição. Logo após, narra qual foi o conteúdo de sua oração em se colocar de forma totalmente submissa para cumprir a vontade do Pai. Nesses versículos ele narra a dificuldade dos discípulos que acompanhavam Jesus em vigiar em oração junto a mestre.

Jesus volta de onde estava orando e encontra os discípulos dormindo, e os repreende pela incapacidade que tiveram de vigiar e orar por alguns instantes. É interessante como alguns historiadores e comentaristas afirmam que, naquele contexto de Páscoa era comum que as pessoas ficassem até tarde conversando sobre a história da redenção. Entretanto, naquele momento já um pouco tarde eles, que muito provavelmente ficavam nas demais páscoas seguindo tal costume, não foram capazes de fazê-lo neste momento com Jesus para vigiar e orar com ele[1]. Diante de tal situação constrangedora, o Senhor novamente os instiga a **vigiar e orar** afirmando que o "*espírito está pronto, mas a carne é fraca*". Jesus Cristo lhes consolava pelo fato de estarem desejosos de **espírito pronto** a andarem juntos com o Senhor em suas tribulações, mas lhes adverte pelo fato de que **a carne é fraca** e por isso a natureza caída deles fazia com que não fossem capazes de acompanhar o Senhor em suas necessidades urgentes.

Esses versículos evidenciam o contraste da natureza humana perfeita de Jesus Cristo em se dispor em obediência e total submissão para cumprir seu doloroso sacrifício em favor dos homens, enquanto os discípulos naquele momento não foram capazes nem mesmo de consolar ao Senhor diante de sua angústia e dor.

4. JESUS NOS RESPRESENTA OBEDECENDO A DEUS (v. 41-42)

41 E veio pela terceira vez e disse-lhes: Ainda dormis e repousais! Basta! Chegou a hora; o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores.42 Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima.

Nessa passagem é possível perceber como o pavor tomou de conta de Jesus, levando-o a clamar ao Pai; notamos também que o seu clamor constituía em amparo para submeter-se a sua missão. Inclusive, percebemos como ele

exorta seus discípulos sobre a necessidade de vigiar e orar.Nos versículos finais, Marcos narra o resultado da oração de Jesus diante situação trágica.

Jesus Cristo, voltando pela terceira vez para falar com os discípulos, encontra-os dormindo novamente, não sendo capazes de confortar o Mestre em oração no momento que precedia a traição e o princípio de sua crucificação. Entretanto, a resposta de Jesus neste momento revela como a sua oração e clamor ao Pai gerou os frutos que deveria, de modo que o Senhor foi encorajado a seguir em frente no cumprimento de sua missão e isso fica claro quando ele mesmo afirma "*Chegou a hora; o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores.* [42] *Levantai-vos, vamos!*" Jesus apresenta-se obediente aos decretos do Pai; o seu sacrifício era o único meio de libertar o homem diante da Ira de Deus e assim receber a justiça eterna. Assim, o Senhor alimentado por seu clamor, diante da resposta imediata de Deus, cumpre a sua missão de ser **entregue nas mãos dos pecadores.**

Cristo encontrou na oração a disposição para concluir sua missão dolorosa que estava prestes a começar. Mesmo diante de tamanha aflição que lhe fazia excretar gotas de sangue como suor como afirma o evangelho segundo Lucas 22.44 [2], o seu clamor ao Pai o ergueu para seguir diante e ser entregue nas mãos dos seus inimigos e assim cumprir fielmente no lugar dos homens a missão sacrifical que lhes traria a redenção.

CONCLUSÃO

O que se pode concluir é que Jesus Cristo, sendo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, experimentou as dores e aflições da natureza humana. O Senhor não somente nos representou diante de um breve episódio, mas toda sua vida foi uma completa identificação com a humanidade, inclusive experimentando aflições e dores em nosso lugar.

Além disso, nosso Senhor nos representa de modo perfeito em sua submissão ao clamar a Deus em meio à sua dor e ser encorajado a seguir em sua obediência até a morte de cruz, Ele experimentou e levou sobre si tudo o que estava reservado a nós, enquanto pecamos ele sofreu, enquanto os discípulos fraquejaram e o deixaram sozinho ele sofreu e clamou ao pai, enquanto os discípulos não sabiam o que fazer ele se ergueu e entregou-se nas mãos dos inimigos, Jesus Cristo é o homem perfeito que nos representou diante do Pai.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Que ocasião estava prestes a chegar que causou todo esse sofrimento em Jesus Cristo?*

- *Por que o Senhor Jesus foi capaz de experimentar sentimentos como pavor e angústia?*

- *O que o Senhor escolheu fazer quando foi tomado pelo sofrimento em sua mente e sentimentos? Como isso pode ser aplicado ao nosso comportamento?*

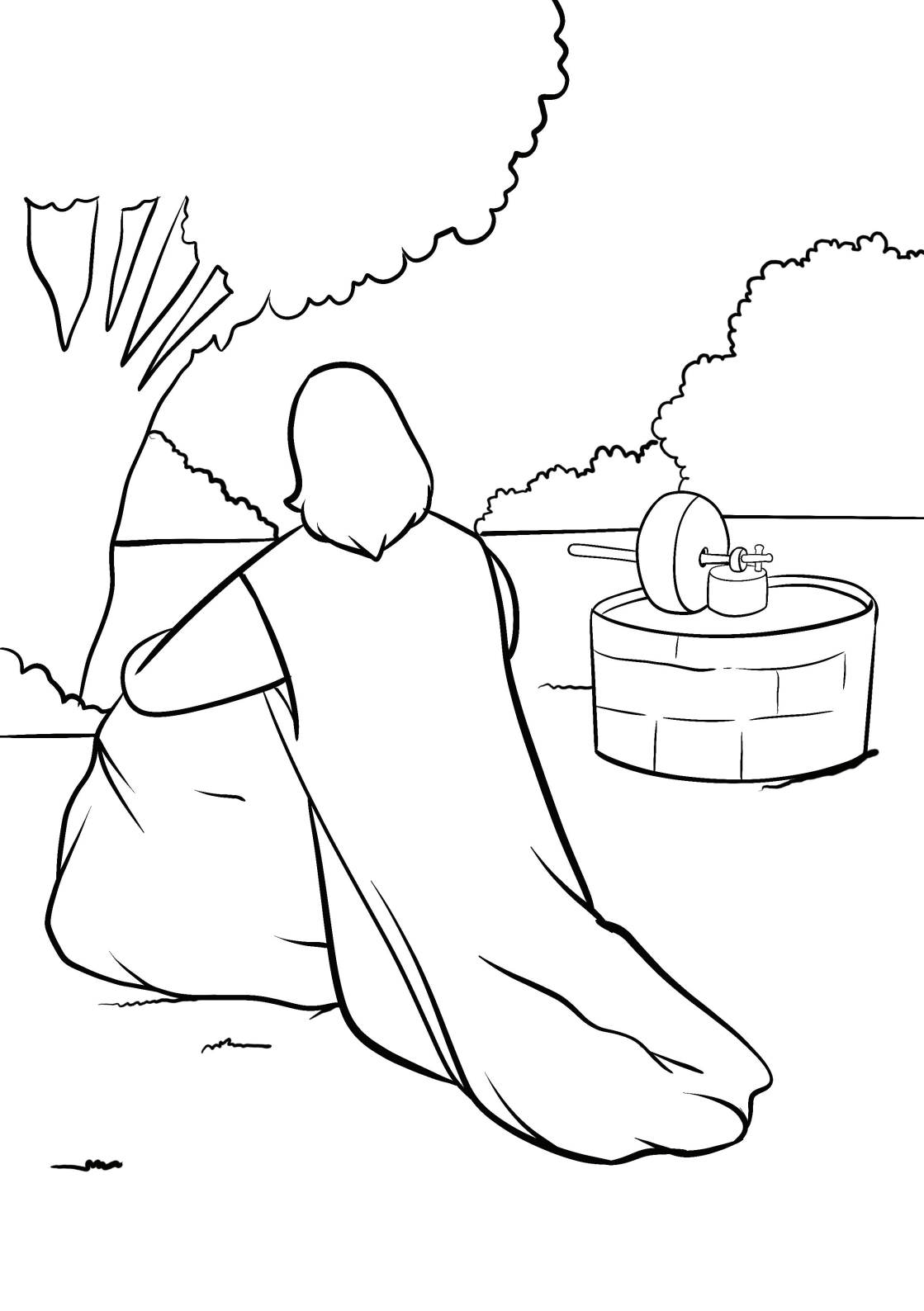
- *O que os discípulos deveriam fazer a partir do momento que entenderam que o espírito é disposto, mas a carne é fraca? O que precisamos praticar a partir desse ensinamento?*

- *O que a oração de Jesus gerou nele mesmo? E como podemos observar os mesmos frutos em nossa vida de oração?*

---

1 Keener, Craig S. Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento / Craig S. Keener; tradução de José Gabriel Said, Thomas Neufeld de Lima. – São Paulo: Vida Nova, 2017.

2 Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri- SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.860p.



Mc 14.43-52

6

A prisão de Jesus

Pr. Mário Rubens Neves Ribeiro Júnior

INTRODUÇÃO

Durante toda a narrativa dessa unidade, uma palavra se repete – o verbo *prender*, (44,46,49 e 51), deixando evidente que Jesus era um acusado e que deveria ser imediatamente preso! O Sinédrio, de fato, teve êxito em sua maquiavélica ação: planejou e executou a prisão de Jesus.

Se foi assim, poderíamos pensar que Jesus é o personagem passivo nessa prisão. Mas isso é uma perspectiva equivocada do que realmente está acontecendo. Nos versículos anteriores e nesses versículos, Jesus é um agente ativo e mostra que tudo o que está acontecendo estava predito e deveria se cumprir, como anunciava as Escrituras. Ação e necessidade do Senhor é que move essa narrativa em cada aspecto.

1. UM TRAIDOR E UMA TURBA (v. 43)

Marcos começa a descrever a prisão de Jesus. A unidade textual em questão (Mc 14.43-52), é uma transição do que acontece entre O episódio do Getsêmani e os julgamentos do Messias perante o Sinédrio e Pilatos[1].

Somos incialmente informados que "*e logo, falava ele ainda, quando chegou Judas, um dos doze, e com ele, vinda da parte dos principais sacerdotes, escribas e anciãos, uma turba com espadas e porretes*" (14.43). Temos aqui uma descrição do pelotão de prisão, guiado pelo traidor Judas, enviado pelos sacerdotes, pelos mestres da lei e pelos anciãos; os três grupos constituintes do Sinédrio. O grupo conforme autorizado pelo Sinédrio, está "*armado com espadas e porretes*".

Duas situações chamam a atenção aqui. Primeiro, a identificação desse grupo como "turba", uma referência aos capangas do Sinédrio; eram homens violentos e corruptos. Isso não exclui que a polícia do templo e soldados romanos estivessem envolvidos. Segundo, o fato aconteceu quando a multidão não estava presente. Isso nos mostra que a liderança religiosa de Jerusalém arquitetou todo um plano para prender Jesus e não descansou enquanto não o pôs em prática.

Devemos lembrar que a traição de Judas fora mencionada pelo próprio Jesus, quando ele diz: "*Quando estavam à mesa e comiam, disse Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós, o que come comigo, me trairá*" (Mc 14.18), e como o evangelista nos informa, quando relata que "*... Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os principais sacerdotes, para lhes entregar Jesus. Eles, ouvindo-o, alegraram-se e lhe prometeram dinheiro; nesse meio tempo, buscava ele uma boa ocasião para o entregar*" (Mc 14.10-11).

2. UMA TRAIÇÃO, UMA PRISÃO E UMA REAÇÃO (v.43-47)

Judas deixa claro para turba qual seria o seu sinal: um beijo! (14.44). A descrição desse ato é impressionante. Primeiro destacamos o *beijo*, que era uma saudação comum para descrever uma expressão de amor e acolhimento entre amigos. Segundo, a maneira de se referir a Jesus como Mestre, isto é, um Rabi, identificando-se como um dos discípulos de Jesus. E, por fim, a iniciativa de beijar o mestre, quando na cultura era comum o Mestre tomar a iniciativa de beijar o discípulo (14.45). A traição de Judas é marcada pela dissimulação e hipocrisia.

Imediatamente a turba enviada pelo Sinédrio agiu. Eles "*deitaram as mãos*" (14.46), isto é, capturam Jesus, sem exercer violência. E "*o prenderam*", segurando e o levando sobre custódia. Tudo estava acontecendo como predito por Jesus.

Diante da iminente e real prisão de Jesus, um discípulo, aqui não identificado pelo evangelista Marcos, tem uma reação. A sua retaliação foi "*sacando da espada, feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha*" (Mc 14.47). Devemos lembrar que os discípulos foram autorizados por Jesus a comprar espadas e, naquela cultura, durante as festas judaicas era comum usar espadas para se proteger. Provavelmente, esse servo do sumo sacerdote ferido estaria liderando a turba, e o ato de cortar a orelha dele tinha por objetivos: 1) amedrontar os demais e 2) desqualificar o servo para o serviço no Sinédrio e no Templo.

3. UMA REAÇÃO PACÍFICA (v. 48-49)

Marcos nos apresenta a reação de Jesus quando apoderado por aqueles que lhe puseram as mãos. Ele simplesmente **falou**. "*Disse-lhe Jesus*" (48), seria mais bem traduzido por "*E respondeu Jesus*". Ele não revidou, não brigou e nem fugiu. Ele calmamente falou.

Jesus responde, fazendo o seguinte questionamento: "*Saístes com espadas e porretes para prender-me, como a um salteador?*" (48). A forma como o abordaram e o prenderam, seria a mesma forma e condições que prenderiam um rebelde provavelmente conhecido por roubar, um incorrigível ladrão ou um revolucionário. Esse é o significado da palavra "*salteador*" utilizada por Jesus para responder à diligência que o prendera.

Em sua reação, Jesus ainda declara "*Todos os dias eu estava convosco no templo, ensinando, e não me prendestes; contudo, é para que se cumpram as Escrituras*" (14.49). Com essa fala, Jesus deixou claro que Ele não era um revolucionário, mas um proclamador e ensinador das boas novas. Além disso, por ensinar no templo, o Sinédrio teve todas as oportunidades para prendê-lo. Uma parte importante aqui, é que Jesus mostra que tudo que estava acontecendo e o que viria acontecer em relação a ele era para que se cumprissem as Escrituras.

4. UMA DESERÇÃO COLETIVA (v. 50-52)

Marcos nos mostra a deserção dos discípulos em duas situações. Uma coletiva, quando diz "*Então, deixando-o, todos fugiram*" (50) e outra individual, diante do seguinte relato "*Seguia-o um jovem, coberto unicamente com um lençol, e lançaram-lhe a mão. Mas ele, largando o lençol, fugiu desnudo*" (51-52).

Na primeira situação, os discípulos não pensaram muito. O verbo "*fugiram*", significa correr ou afastar-se rapidamente, a fim de escapar de uma situação ou pessoa. Todos eles, sem pestanejar, largaram Jesus à própria sorte. O Messias entra em um estado de abandono.

Na segunda situação, independente de quem seja esse jovem anônimo e nu que poderia ser ou não um seguidor de Jesus além dos onze, representa o estado vergonhoso de todos aqueles que optaram pela deserção. Pois ele fugiu como os outros discípulos.

CONCLUSÃO

Traição, prisão, acusação e deserção foram vivenciadas por Jesus de modo intenso, numa única madrugada. Jesus, sem nenhuma culpa, foi considerado como um sal-

teador e preso. Todavia, o prisioneiro disse que tudo estava dentro do previsto (vs 56) pela Escritura. Todo sofrimento de Cristo estava acontecendo conforme o plano soberano de Deus.

Sobre isso, o Pr MacArthur diz: "Apesar da hostilidade deles, os homens que o prenderam estavam cumprindo perfeitamente seus motivos soberanos. As tentativas deles de destruí-lo estavam apenas atingindo o fim que ele almejava, cumprindo um plano que havia sido traçado antes da fundação do tempo. Sua palavra e sua vontade seriam cumpridas não importava quão ferozmente os poderes das trevas procurassem destruí-lo".[2] ALELUIA!!!

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Quem é o traidor e como ele está quando encontra Jesus?*

- *Qual foi a reação de Jesus diante sua prisão e da traição de Judas?*

- *Qual foi a reação dos discípulos quando Jesus foi preso pelos enviados do Sinédrio?*

---

1 OSBORNE, Grant. R. Comentário Expositivo de Marcos. São Paulo: Vida Nova, 2019.

2 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação de Cristo – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 100.

Mc 14.53.65

7

Jesus, o acusado

Pr. Mário Rubens Neves Ribeiro Júnior

INTRODUÇÃO

Geralmente, a injustiça e julgamentos duvidosos e corrompidos despertam em nós um sentimento de indignação, insuficiência e impotência. Quando tribunais e juízes promovem julgamentos injustos, nossa tendência é protestar e desconfiar.

O julgamento de Jesus foi marcado pela mentira, corrupção e suborno. "O julgamento inteiro foi um total arremedo de justiça. Mediante todos os padrões bíblicos que deveriam governar a dispensação de justiça em Israel, o julgamento era ilegal e seu veredito injusto"[1].

Aqui Marcos enfatiza a palavra "*testemunho*". O Cristo que testemunha a verdade diante daqueles que testemunham a mentira.

1. UM SINÉDRIO SEM PROVAS CONTRA O ACUSADO (v. 53-56)

Marcos relata que, depois de sua prisão, Jesus foi encaminhado ao Sinédrio para comparecer diante dos principais sacerdotes, entre eles o sumo sacerdote, assim como dos anciãos e dos escribas (14.53,55). O Sinédrio era o supremo concílio judicial e religioso de Jerusalém, um órgão criado depois do exílio babilônico, baseado no conselho de anciãos da época de Moisés (Nm 11.16). Era composto de 71 homens, divididos em 24 sacerdotes e 46 escolhidos dentre os escribas, fariseus e saduceus. De acordo com o Antigo Testamento, toda justiça exercida pelo Sinédrio deveria ser justa, reta, sem acepção de pessoas e sem suborno, conforme Deuteronômio 16.18-20.

Todavia, no caso de Jesus eles

não agiram com a justiça prescrita na Escritura Sagrada. Somos informados que "*os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho contra Jesus para o condenar à morte e não achavam*". Ou seja, mesmo sem testemunhas nem provas reais, queriam acusá-lo de qualquer forma e condená-lo.

Pensando na questão de testemunho, novamente somos remetidos ao fracasso dos discípulos de Jesus Cristo. Pedro, o líder dos 12, seguiu tudo de perto, mas foi incapaz de testemunhar publicamente a sua fé em Jesus naquele momento (14.54).

2. FALSIDADE, INCOERÊNCIA E COVARDIA CONTRA O ACUSADO (v. 56-59)

Nesses quatro versículos, as expressões "*testemunhavam falsamente*" (56), "*testificavam falsamente*" (57), "*depoimentos não eram coerentes*" (56) e "*os testemunhos não eram coerentes*" (59), mostram como esse julgamento foi alicerçado na falsidade, alimentado pela incoerência e validado pela covardia contra o acusado.

Osborne faz um comentário esclarecedor: várias pessoas se oferecem para testemunhar, mas fica evidente que não são testemunhas verdadeiras, e seus depoimentos se contradizem. Os líderes desejam provar que Jesus era culpado e, embora não seja um julgamento justo, querem manter as aparências, razão pela qual se frustram com a ausência de testemunhas críveis. Já que tanto na lei romana quanto na judaica, a pena por mentir em um julgamento capital era a execução, os líderes judeus não tiveram coragem de permitir que essas testemunhas dessem seus depoimentos. Convém lembrar que seu objetivo não era descobrir a verdade, mas, sim, encontrar provas para justificar seu veredito predeterminado de culpa. Ainda assim não conseguiram encontrar testemunhas para esse propósito.[2]

Todavia, diante da cegueira espiritual e do ódio contra Jesus, o Sinédrio se aproveita de uma testemunha que declara que Jesus disse: "*Eu destruirei este santuário edificado por mãos humanas e, em três dias, construirei outro, não por mãos humanas*" (14.58). Uma fala fora de contexto e sem compreensão do real sentido espiritual. Mas ali a verdade não importava. O importante era somente condenar o acusado.

3. O TESTEMUNHO VERDADEIRO DO ACUSADO (v. 60-63)

O ditado popular "*quem não deve não teme*" nunca fez tanto sentido. Jesus, diante de seus acusadores, permanece em silêncio a maior

parte do tempo. O sumo sacerdote o interroga, mas ele nada responde. Na segunda vez, Jesus, a única testemunha fiel e verdadeira, abre a boca e diz "*Eu sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu*" (14.62). Jesus testemunha quem de fato ele é. Testemunha todo o seu poder e glória. Testemunha a uma divindade e seu caráter escatológico.

O acusado declara aquilo que o evangelista Marcos vem testemunhando desde o início do seu evangelho, quando diz "*Princípio do evangelho de* ***Jesus Cristo, o Filho de Deus***" (Mc 1.1). No livro A morte de Jesus, vemos que "Era tudo que Caifás precisava ouvir: '*Então, o sumo sacerdote rasgou as vestes, dizendo: Blasfemou! Que necessidade mais temos de testemunhas? Eis que ouvistes agora a blasfêmia! Que vos parece?*'. [...] Rasgar as roupas era uma expressão de aflição extrema e choque (Gn 37.34; Nm 14.6; 2Sm 1.11). Porém, o sumo sacerdote era proibido de rasgar suas roupas (Lv 21.10). Assim, ironicamente, enquanto Caifás estava de modo teatral fingindo indignação sobre o suposto ato de blasfêmia, ele próprio estava cometendo um ato bastante sério de sacrilégio, profanando expressamente o cargo de sumo sacerdote de forma proibida pelas Escrituras". [3]

4. A CRUELDADE IMPLACÁVEL CONTRA O ACUSADO (v. 65)

Para falar sobre a crueldade dispensada nesse julgamento ilegal, mais uma vez usaremos o relato do livro A morte de Jesus:[4]

Tendo atingido finalmente o objetivo maligno que eles vinham há muito tempo perseguindo, os membros do Sinédrio começaram abertamente a mostrar seu ódio satânico contra Jesus. "Então, uns cuspiram-lhe no rosto e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam, dizendo: Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que te bateu! " (Mt 26.67,68). De acordo com Lucas, eles o vendaram antes de o golpearem, ordenando que profetizasse sobre quem batia nele. Lucas acrescenta que "muitas outras coisas diziam contra ele, blasfemando" (Lc 22.65). Ironicamente, a blasfêmia era o mesmo crime de que eles o haviam acusado, mas os próprios sacerdotes carregavam essa culpa.

Cristo suportou todo esse abuso com uma graça tranquila e majestosa bastante notável. Como sempre, "quando ultrajado [ele] não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente" (1ªPe2.23). Ele estaria logo mais suportando o pecado de outros; enquanto isso Cristo também sofria pacientemente o abuso odioso deles.

CONCLUSÃO

E dessa forma Cristo foi condenado injustamente à morte. O julgamento dele perante o Sinédrio tinha sido conduzido exatamente de acordo com o plano maléfico de Caifás. Ao mesmo tempo, da mesma forma o plano de Deus estava seguindo conforme planejado.[5] Se um dia você já se indignou com um julgamento injusto, esse deveria ser o julgamento de Jesus Cristo. O nosso Senhor foi acusado falsamente por homens ímpios que o odiavam. Mas mesmo diante de um tribunal injusto, Cristo não deixou de testemunhar, quem de fato ele é – O filho de Deus.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Quem se reuniu para julgar Jesus Cristo?*
- *Que tipos de testemunhas se reuniram para testemunhar contra Jesus?*
- *Você alguma vez deixou de testemunhar sobre Jesus como Pedro o fez?*
- *O que o testemunho de Jesus sobre ele mesmo significa para você?*

---

1 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 102.

2 OSBORNE, Grant. R. Comentário Expositivo de Marcos. São Paulo: Vida Nova, 2019.

3 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 117.

4 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 119-120.

5 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 120.

Mc 14.66-72

8

Jesus, o negado

Pr. João Duarte de Alencar

INTRODUÇÃO

Você já negou algo ou alguém alguma vez? Deve ser uma sensação horrível ser negado pelos pais, por amigos, pelo cônjuge, pelos filhos. Ser rejeitado numa entrevista de emprego, numa avaliação ou em qualquer circunstância, é uma experiência imensamente desagradável. Muito mais quando o que é negado tem um valor inestimável, pois dificilmente negaríamos quem amamos.

No entanto, neste texto, vemos Pedro negando Jesus, o supremo Senhor, que deveria ser adorado, exaltado, glorificado, valorizado, estimado e amavelmente confessado. Pedro, do pátio ao alpendre, negou a Cristo, mesmo depois de ser avisado de que faria isso, (v.29,30) e de ter feito sua confissão de fé em Jesus como o Messias (8.29).

O ato de "negar" é abnegar, repudiar, não aceitar, rejeitar[1]. O apóstolo mais próximo de Jesus o repudiou, rejeitou-o.

No texto que estudaremos, podemos destacar três fatos:

1. JESUS FOI NEGADO POR QUEM O CONHECIA (v.66-68).

Naturalmente, Jesus não é negado por quem não o conhece, mas por aqueles que se dizem conhecedores dele. Pedro havia estado com Jesus por três anos, experimentado de sua misericórdia e amor, visto seus milagres, ouvido seus sermões e, mesmo assim, o negou. Ele disse: "*Não o conheço*".

O termo original traduzido por "conhecer" indica "saber a respeito de", "adquirir conhecimento de". Significa: entender, perceber, ter consideração por alguém, estimar, prestar atenção a alguém.

a. Jesus foi negado por aquele que estava com Ele: *"Tu estavas com Jesus, o Nazareno"*. Pedro foi reconhecido por andar com Jesus. Que imenso privilégio! Mesmo assim, negou conhecê-lo. Uma das marcas inegáveis do cristão é a evidência de que estamos com Cristo.

b. Jesus foi negado por aquele que era um deles: *"Este é um deles"* (v.69); *"Verdadeiramente, és um deles, porque também tu és galileu"* (v.70). Ser reconhecido como parte do povo de Deus é outro grande privilégio, mas para Pedro foi motivo de negar a Cristo. Negar a igreja, ou negar fazer parte do povo de Deus é negar o próprio Cristo, que é o Rei desse povo, cabeça da Igreja.

Reflita profundamente nas seguintes perguntas:

- Você está com Jesus e mesmo assim o nega diante dos apertos e pressões da sociedade?

- Você é frequentador da igreja e de certa forma se envolve com as atividades dela a ponto de se identificar externamente como membro, mas dá mau testemunho e nega a Cristo diante do mundo, dos colegas de trabalho, dos colegas de escola e de parentes?

2. JESUS FOI NEGADO SOB JURAMENTO (v.69-71)

A segunda e a terceira vez que Pedro negou Jesus foi se amaldiçoando e fazendo juramento.

a. Jesus foi negado por um "maldito": O termo usado por Marcos para a palavra "praguejar", no original é derivada de "anátema" que indica: excomunhão, execração, maldição, reprovação enérgica. Do grego "Anáthema" (coisa posta de lado), significa "destinado à destruição", usado por alguém que "declara-se sujeito às mais severas penalidades divinas". Pedro dizia que estava disposto a ser maldito por Deus, se por acaso conhecesse a Jesus.

b. Jesus foi negado por um precipitado: A palavra "jurar" é o mesmo que: afirmar, prometer, ameaçar. Pedro afirmou que não conhecia Jesus, prometendo ser um anátema caso tivesse qualquer ligação com ele. Pedro deve ter ouvido o sermão de Jesus proibindo esse tipo de juramento (Mt 5.34). Ainda assim, jurou. Ele se precipitou ao jurar que não conhecia Jesus.

A nossa fé em Cristo é um dom de Deus que não devemos negar. Se nós o conhecemos, devemos confirmar que somos dele e seguimos a ele em toda e qualquer situação.

Vivemos constantemente sob pressão: pelo mundo, pela cultura, pelas ideologias, pelas heresias, pelas tentações do diabo e da carne, porém, não há motivos para desprezarmos o bem mais precioso que recebemos do Pai das luzes: Jesus Cristo!

3. JESUS FOI LEMBRADO POR QUEM QUE O NEGOU (v. 72)

Pedro negou Jesus. Que grande ruína na vida de um cristão é negar o Cristo que o salvou. O próprio Jesus havia falado sobre a situação daquele que o nega: *"mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus"* (Mt 10.33).

Mais adiante, o próprio Pedro reconhece a gravidade de tal atitude: "*Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de* ***renegarem*** *o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição"* (2ªPe 2.1).

A palavra "renegarem" é a mesma "negou" neste texto, no original. Então, se Jesus e o próprio Pedro asseveram a condenação daqueles que negam a Cristo, poderíamos afirmar que Pedro foi salvo? Sim. Ele **não** foi condenado, mas gratuitamente salvo. Como podemos afirmar isso? Qual a diferença do destino de Pedro para o daqueles que negam o Salvador?

A diferença está nas reações de Pedro aos atos graciosos e misericordiosos de Jesus a seu favor. Que reações foram estas?

a. Ele se lembrou da palavra de Jesus (v.72): Pedro não continuou a negar a Jesus. Ele ouviu a palavra de Cristo e se lembrou dela. Essa é uma ação do Espírito Santo. Ele nos faz lembrar das Escrituras em momentos oportunos de fé e arrependimento.

Os que negam a Cristo e serão negados diante do Pai não se lembram positivamente da Palavra de Deus, antes a desprezam até o fim de sua vida incrédula.

O que Jesus disse? Ele havia avisado previamente a Pedro (v.30). Alguns dizem que o galo seria o *gallicinium*, certo toque entoado pelos guardas com trombeta nas vigílias da noite, e não um animal.

Quando diz: "*antes que o galo cante*", quer dizer, antes da aurora. O canto do galo servia como indicação da hora. Marcos 13.35 mostra que marcava a terceira das quatro "vigílias". Estas eram: do crepúsculo, 18-21; meia-noite, 21-24; cantar do galo, 0-3; e matutino, 3-6. À luz de Marcos 14.30 é evidente que a referência é à segunda parte do período de 0-3. Contudo, a menção do cantar do galo se refere não só ao tempo, mas também ao canto do galo propriamente dito[1]. O canto do galo despertaria Pedro do pecado da negação.

b. Ele caiu em si: A ideia original do texto é de uma onda que bate forte sobre o barco. Seria "dar especial atenção ou pensar muito sobre as implicações, refletir, pen-

sar seriamente sobre o assunto[2]. Ou seja, quando Pedro ouviu o cantar do galo, se lembrou das palavras de Jesus e recebeu com força, como uma forte onda do mar sobre o barco, o pensamento do que realmente ele havia feito em ter negado o seu Senhor e Salvador.

c. Ele desatou a chorar: Pedro chorou. Evidente que nem todo choro é de fato arrependimento (2Co 7.10). O que diferencia a tristeza de Pedro para a de Judas Iscariotes (Mt 27.3)? Qual a diferença entre o choro de Pedro e de Esaú (Hb 12.6,7)? O pranto de Pedro foi um sinal de arrependimento que levaria a um processo de restauração, enquanto o choro de Esaú foi um sinal de lamentação tardia por ter perdido algo que ele queria. Pedro iniciava uma restauração em Jesus (Jo 21.15-17), enquanto o lamento de Esaú não levou a uma mudança de coração ou comportamento. Além disso, entendemos que Deus é soberano e gera genuíno arrependimento em quem ele quer.

As palavras e o olhar fixo da criada não causaram impacto em Pedro, mas a palavra e o olhar de Jesus (Lc 22.61) iniciaram um processo restaurador na vida daquele homem.

Jesus é misericordioso e amoroso a ponto de perdoar até mesmo um pecado terrível como este de negá-lo, basta você se arrepender de seus pecados e se voltar a ele.

CONCLUSÃO

Os quatro Evangelhos inspirados pelo Espírito Santo contam a mesma história, mas cada um complementado ao outro com informações diferentes, mostrando assim a harmonia entre eles.

Essa história mostra o quanto um pecador pode negar o Salvador e Soberano de nossas almas, mas também, o quanto Cristo está disposto a nos perdoar se ouvirmos a sua palavra e nos arrependermos de nossos horríveis pecados.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Qual foi a pergunta que a serva fez a Pedro no pátio do sumo sacerdote, e como Pedro respondeu? (Mc 14.66-68).*

- *Por que Pedro negou Jesus três vezes, e o que isso revela sobre o estado espiritual de Pedro naquele momento?*

- *Qual foi o papel do canto do galo nessa narrativa e o que ele simboliza?*

- *Como a negação de Pedro se relaciona com a profecia de Jesus em Marcos 14.27-31?*

---

1 Pesquisado em: https://search.nepebrasil.org/strongs/?id=G720

2 Hendriksen, p.312

3 Léxico Grego-Português do Novo Testamento, p.314

Mc 15.1-15

9

Jesus, o condenado

Pr. João Duarte de Alencar

INTRODUÇÃO

Vivemos num mundo onde culpados são inocentados e ficam livres, enquanto inocentes são condenados. Depois de ser preso no Jardim do Getsêmani (Marcos 14.43-52), Jesus foi levado ao sumo sacerdote Caifás e ao Sinédrio (Marcos 14.53-65). Lá, ele foi interrogado e condenado à morte por blasfêmia.

Jesus já foi negado e agora será condenado. Foi negado por Pedro e será condenado por Pilatos.

1. JESUS FOI INTERROGADO (v.1-5)

a. Devido à decisão dos líderes religiosos (v.1): Marcos menciona três classes de religiosos: primeiro, os principais sacerdotes com os anciãos; segundo, os escribas e; terceiro, todo o Sinédrio. Eles deveriam esperar pelo Messias, recebê-lo bem e apresentá-lo ao povo, como o Salvador bendito e eterno. Mas, fizeram totalmente ao contrário. Eles queriam matá-lo.

Muitos líderes em nossos dias fazem o mesmo, isto é, distanciam o povo de Deus, pois não conhecem a Cristo. Que nossa vida cristã não se resuma a uma religiosidade fingida e mortal!

b. A respeito de usurpação do trono (v.2): Pilatos fez uma pergunta a Jesus sobre sua suposta pretensão de usurpar o reino de Israel no lugar dos que foram instituídos por Roma. A ideia deles era de que as acusações religiosas não teriam tanto efeito quanto esta, de cunho político, de rebelião contra o império.

Pilatos perguntou: "Tu és o rei dos judeus?", com ênfase no "Tu". Jesus responde igualmente: "Tu o dizes". De fato, Jesus poderia ser rei dos Judeus por ser descendente de Davi, mas o seu reino não é deste mundo. Ele não se rebaixaria

a rei de Judá sendo que é o Rei dos reis.

c. Sob muitas acusações injustas (v.3): Os principais sacerdotes acusavam Jesus de muitas coisas conforme Lucas 23.2-5. Tais homens insistiam em acusar Jesus com a intenção de incriminá-lo e levá-lo à morte.

d. Mas permaneceu em silêncio (v.4,5): O silêncio de Jesus chocou Pilatos por, pelo menos, dois motivos: primeiro, o governador era acostumado julgar outros que, certamente, falavam muito durante sua defesa; segundo: Jesus não demonstrava ser a pessoa que os líderes judeus afirmavam.

Jesus ficou calado (Is 42.1-4; 53.7) diante dos governantes e isso lhes serviu de juízo, como diz William Hendriksen: "Isso falou mais alto do que qualquer palavra que pudesse ter dita. Esse silêncio se transformou em condenação pelos seus atormentadores, e era prova de sua identidade como o Messias"[1].

Devemos refletir, primeiramente, em nosso próprio coração. Cuidemos que não caiamos no mesmo erro dos religiosos da época de Jesus. Eles tiveram o Filho de Deus diante de seus olhos e não o reconheceram como o prometido de Deus. Eles odiavam o Salvador. Não queriam que ele vivesse. Que coisa terrível! Conhecemos a Bíblia e ela nos apresenta Cristo, no entanto, na vaidade e arrogância podemos nos desviar dele quando deveríamos cair de joelhos adorando-o e servindo-o.

2. JESUS FOI SENTENCIADO: (v.6-15).

a. Pela insistência do povo (v.6, 8, 13, 14): A multidão insistia em condenar Jesus. Era comum pedir a soltura de um preso qualquer. No entanto, clamavam insistentemente pedindo que Jesus fosse preso e exigiram sua crucificação. O mesmo povo que antes aclamava Jesus como rei na entrada de Jerusalém, agora estava rogando a morte dele. Isso mostra que nem sempre a maioria está certa em suas decisões. Quando o povo é manipulado por líderes maus e influenciadores, normalmente a ruína é estabelecida.

b. Pela incitação dos sacerdotes (v.10,11): Os principais sacerdotes já haviam entrado em conselho para matar Jesus (v.1). Agora, diante de Pilatos, eles demonstraram seu sentimento invejoso e suas práticas de estimular a multidão por soltar Barrabás no lugar de Jesus.

c. Pela ordem de Pilatos (v.9,10,12,14,15): Numa série de ações, Pilatos condenou Jesus à morte de cruz. Ele ainda sugeriu a soltura de Cristo, mas o povo rejeitou (v.9). Percebeu que os judeus haviam entregado Jesus por inveja (v.10). Mais uma vez

indaga o que deve fazer com Jesus, pois sabia que era inocente (v.12) e não teria feito mal algum (v.14). Por fim, na intenção de agradar a multidão, desagradou a Deus, soltando Barrabás e mandando bater em Jesus e depois crucificá-lo. Ficou com medo do povo denunciá-lo ao imperador por alta traição ao império.

O temor de perder poder e status não deveria nos fazer perder o temor a Deus!

d. Pela troca de Barrabás (v.7,11,15): Barrabás, significa "filho de um pai ou mestre". Pelo que indica, era um colega de motim de um grupo de rebeldes, que num movimento, causaram um assassinato (v.7). Os líderes religiosos escolheram soltar Barrabás em vez de Jesus (v.11). Ele acabou sendo solto por Pilatos, que queria atender o pedido da multidão.

Um bandido foi solto no lugar do Santo. Um pecador e transgressor foi liberto enquanto o Filho de Deus, perfeito e santo foi entregue à morte. Que troca absurda fizeram. No entanto, é assim que acontece desde o início quando se invertem os valores, o certo pelo errado, o doce pelo amargo, o bom pelo ruim.

Jesus foi condenado para que sejamos justificados. Temos paz com Deus por causa da falta de paz que Cristo teve neste episódio. Somos livres pela graça de Deus.

Um dia Jesus foi julgado por Pilatos, mas no Dia do Juízo os papéis irão se inverter, pois cada um estará no seu devido lugar: Jesus na tribuna do juiz e Pilatos no banco dos réus. Será assim com todos nós!

CONCLUSÃO

Jesus foi interrogado e consequentemente sentenciado à morte. O Justo Juiz é condenado por um júri injusto. O Rei dos reis é condenado por governantes ímpios. Jesus foi condenado por pecadores para libertá-los dos pecados deles.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Qual foi a acusação que o Sinédrio fez contra Jesus em Marcos 15.1, e qual foi a consequência disso?*

- *Por que Pilatos perguntou a Jesus se ele era o Rei dos Judeus em Marcos 15.2? Qual foi a resposta de Jesus?*

- *Qual foi a opção que Pilatos ofereceu ao povo em Marcos 15.6-8, e qual foi a escolha deles?*

- *Quem era Barrabás, e por que o povo escolheu libertá-lo em vez de Jesus em Marcos 15.7, 11?*

- *Qual foi a reação de Pilatos diante da escolha do povo em Marcos 15.12-15, e qual foi a consequência disso para Jesus?*

Hendriksen, W. (2023). *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de marcos.* São Paulo - SP: Editora Cultura Cristã. p.796

J.D. Douglas; F.F. Bruce... [et al.]; Russell P. Shedd. (2006). *O Novo Dicionário da Bíblia.* São Paulo - SP: Vida Nova.

Johannes P.Louw, Eugene A. Nida. (2013). *Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos.* Barueri - SP: Sociedade Bíblica Brasileira.

MacArthur, J. (2014). *Uma vida perfeita: Tudo o que a Bíblia revela sobre Jesus, de Gênesis a Apocalipse.* Rio de Janeiro - RJ: Thomas Nelson Brasil.

Piper, J. (2008). *O que Jesus espera de seus seguidores: mandamentos de Jesus ao mundo.* São Paulo - SP: Editora Vida.

Mc 15.16-39

10

Jesus, o crucificado I

Pr. Antonio Marcos Barros Cruz

INTRODUÇÃO

Uma multidão com sede de sangue, líderes religiosos tomados de inveja, soldados sádicos, um governador injusto, pessoas tristes e o Filho de Deus crucificado. A passagem de Marcos 15.16-39 aborda o momento quando Jesus Cristo encara os sofrimentos e a vergonha da cruz. Evento esse reproduzido em filmes, mas que apenas olhando para o texto bíblico se pode saber de fato o que aconteceu e sua implicação para a vida das pessoas.

1. O FILHO DE DEUS É MALTRATADO E ZOMBADO (v.16-20)

Após ter passado pelo julgamento de Pilatos e ter sido entregue para a crucificação, os eventos que seguem mostram as dores que o Filho de Deus sofreu. Dos versículos 16 a 20 é possível ler o relato do momento em que os soldados zombam da realeza de Jesus. Colocam nele um espúrio "traje real" e o maltratam fisicamente.

Em seu livro *A morte de Jesus*, o falecido pastor John MacArthur Júnior diz que "O abuso que Jesus sofreu por parte dos soldados provavelmente não foi motivado por qualquer animosidade pessoal em relação a ele, mas ainda assim extremamente perverso. Depois de terem supervisionado tantas execuções, os soldados haviam de especializado em tais zombarias – mas raramente conseguiam multidões tão entusiasmadas para que eles pudessem diverti-las. Eles evidentemente decidiram tirar o máximo proveito do acontecimento".[1]

Um manto de púrpura foi colocado sobre o seu corpo já ultrajado. Uma coroa de espinhos lhe perfurou e o sangue bendito escorreu-lhe sobre o rosto. Bateram em sua

cabeça e cuspiram nele. Os soldados escarnecem de Jesus tanto em relação a sua realeza como em relação a sua divindade. Mas, em tudo isso, se fazia cumprir a profecia de Isaías 53.5,7,8 sobre o Rei Salvador fazendo a obra de um Servo Sofredor.

Este relato mostra algo surpreendente acerca da resistência humana em relação ao senhorio de Cristo. A Bíblia diz que os seres humanos após a queda de Adão vivem em rebelião contra Deus (cf. Ef. 2.1-3). O que os soldados fazem ali, é apenas uma amostra daquilo que o pecador é capaz: rejeitar e escarnecer do Senhorio de Cristo na sua vida.

Quando o ser humano pensa em ser autônomo e ditar suas próprias regras para si ou quando ele recusa se submeter ao Senhor em alguma área da sua vida, ele, assim como aqueles soldados, zomba e escarnece da identidade de Jesus enquanto Rei e Deus.

2. A CRUCIFICAÇÃO DE JESUS (v.21-32)

Nesta porção do texto bíblico encontra-se a informação da crucificação de Jesus. É importante mencionar que Marcos tem contrabalançado "a vergonha da crucificação iminente de Jesus, destacando que ela é o cumprimento das próprias predições dele, que ela oferece benefícios a outras pessoas e resulta da vontade de Deus, o Pai; ao mesmo tempo faz mau uso da justiça humana. "[2]

A crucificação era uma maneira cruel de morte, tanto pela dor causada quanto pela vergonha que ela trazia para o crucificado. Era um tipo de condenação usada, geralmente, para criminosos perigosos, escravos e prisioneiros de guerra. Marcos diz que Jesus foi crucificado (v.24,25,27), e na crucificação, o Filho de Deus se identifica com a vergonha humana e a suporta como representante do seu povo.

Mais uma vez o pastor John nos ajuda: "Cristo foi crucificado entre dois ladrões, e até mesmo eles se juntaram à zombaria dirigida a ele. [...] O termo grego para 'ladrões' significa que eles não eram ladrões insignificantes, mas canalhas que levavam a vida como bandidos e salteadores, deixando um caminho de destruição e sofrimento atrás de si. Eles bem podem ter sido os cúmplices de Barrabás e, nesse caso, a cruz na qual Cristo foi crucificado teria sido originalmente planejada para o líder deles (que também significaria que esses ladrões tinham sido cúmplices tanto de assassinato como também furto)".[3]

Um fato curioso nesta ocasião

é registrado no versículo 23: *"Deram-lhe a beber vinho com mirra; ele, porém, não tomou"*. Essa iguaria, vinho com mirra, era usada para aliviar a dor da crucificação. Ela ajudava a entorpecer os sentidos, mas Jesus recusa aquele cálice de entorpecente e, no lugar dele, toma o cálice da ira de Deus, sem misturas, para que ele pudesse ser o perfeito representante do seu povo, tendo assim tomado o cálice da ira no lugar deles. E, mesmo sendo tentado a usar o seu poder divino e descer na cruz (v.31,32), Jesus completou sua obra.

Quão digno de louvor é o Filho de Deus! Aquele que sofreu a vergonha e as dores infames no lugar de pecadores, para que eles sejam reconciliados com seu Criador!

3. A MORTE DE JESUS (v.32-39)

Marcos registra alguns eventos sobrenaturais que aconteceram durante a morte de Cristo. Esses eventos atestam a sua divindade e para a verdade daquilo que ele já havia predito: as três horas de escuridão sobre a terra (v.33) e o véu do templo é rasgado de alto a baixo (v.38). "Esses acontecimentos constituíram o próprio comentário sobrenatural de Deus na cruz. Eles são provas adicionais da importância extraordinária do que estava acontecendo nesse dia..." [4]

"O que foi ensinado por meio daquela escuridão miraculosa? A extrema iniquidade da nação judaica. Na realidade, eles estavam crucificando seu próprio Messias prometido, estavam tirando a vida de seu próprio Rei. O próprio sol, portanto, ocultou sua face diante do espetáculo. Isso ensinou a excessiva pecaminosidade do povo aos olhos de Deus. O próprio Filho de Deus precisava ficar sem a alentadora luz do dia quando se tornou pecado por nós e levou sobre si nossas transgressões."[5]

Mas qual o principal fato na morte de Cristo? Acesso livre e direto ao trono da graça! "O fato de a cortina ter-se rasgado de alto a baixo significa que o próprio Deus havia removido a barreira. De fato, Deus estava declarando, 'Meu Filho removeu este véu e eliminou a necessidade dele, por intermédio de um sacrifício simples, perfeito, de uma vez por todas, que limpa os resgatados dos pecados deles para sempre. O caminho para a minha presença santa está agora aberto a todo o crente; o acesso é grátis e está sem obstrução". E ainda: "No momento em que aconteceu o rompimento do véu, o templo estava cheio de adoradores que estavam lá para a matança dos seus cordeiros da Páscoa. Pelo desígnio de Deus, foi na mesma hora que aqueles milhares de cordeiros estavam sendo mortos que o verdadeiro Cordeiro da Páscoa morreu. Ele era

o Cordeiro real que todos os outros apenas simbolizavam." [6]

E o que esse rompimento ensinou? "Ensinou o término e a abolição de toda a lei cerimonial dos judeus. Ensinou que, doravante, o caminho para o Santo dos Santos estava franqueado a toda a humanidade, mediante a morte de Cristo (Hb 9.8). Ensinou que tanto gentios como judeus agora poderiam aproximar-se de Deus com ousadia, por meio de Jesus, o único Sumo Sacerdote, e que todas as barreiras entre Deus e os homens haviam sido definitivamente derrubadas."[7]

Naquela cruz, Jesus encarna a dor e o sofrimento. Deus, o Pai, o abandona e o entrega ao julgamento, e Jesus então, se defronta com a ira divina. Tudo isso foi necessário, e alguém pode questionar: "Para quê? ", e a resposta é: para que ele experimentasse a punição que estava reservada para os pecados de seu povo.[8]

CONCLUSÃO

Quando Deus soberanamente declarou a morte de Cristo como sacrifício suficiente pelo pecado para todo sempre, no momento exato, um terremoto poderoso dividiu as rochas, assim "está claro que um terremoto sobrenatural como esse somente poderia significar a ira de Deus. Na cruz, a ira de Deus contra o pecado foi derramada sobre seu próprio Filho. O terremoto que aconteceu no momento culminante da morte da obra expiatória de Cristo, foi um tipo de nota da pontuação divina, talvez significando a cólera de Deus pelo fato de o pecado ter custado tanto ao seu Filho".[9]

O relato da crucificação e da morte de Jesus nos assegura que alguém sofreu a ira de Deus em nosso lugar. O Filho de Deus garantiu para seu povo a certeza do perdão divino e a entrada na família dele. Por meio de Cristo, somos cobertos com sua justiça e aceitos pelo Pai Celestial.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *O que o impressiona acerca da conduta dos soldados v.16-20?*
- *Por que a morte de cruz era tão vergonhosa?*
- *Por que você pode ter segurança da sua salvação?*
- *O que os eventos da cruz ensinam sobre o discipulado – sobre seguir Jesus?*

---

1 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação de Cristo – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 189

2 GUNDRY, Robert Horton. Panorama do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.206.

3 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação de Cristo – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 203.

4 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação de Cristo – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 223.

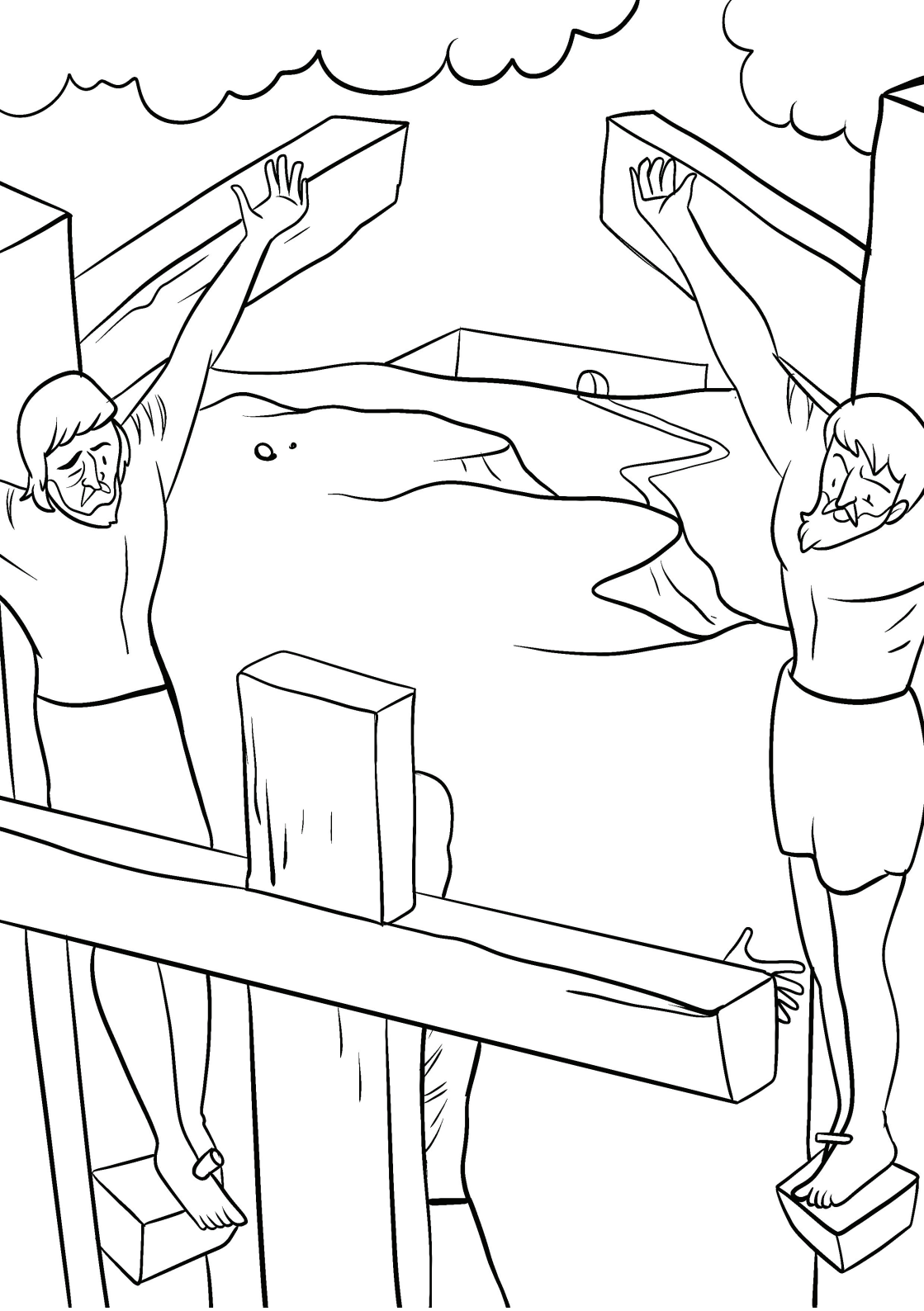
5 RYLE, J.C. Meditações no Evangelho de Marcos. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018, p.290.

6 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação de Cristo – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 228.

7 RYLE, J.C. Meditações no Evangelho de Marcos. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018, p.290.

8 HENDRIKSEN, William. Marcos. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p.709.

9 MACARTHUR, John. A morte de Jesus: prisão, julgamento e crucificação de Cristo – e o seu significado redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 230.



Mc 15.40-47

11

Jesus, o crucificado II

Pr. Antonio Marcos Barros Cruz

INTRODUÇÃO

No pensamento de alguns, a morte parece ser o fim, mas, nos acontecimentos que compõem a sua morte e sepultamento, Jesus estava preparando o "palco" para a maior reviravolta da história. Aquela sexta-feira dolorida, daria lugar ao brilho do esplendor do Cristo ressurreto dentro de pouco tempo. Até lá, Marcos mostra de maneira resumida os fatos que seguiram após sua condenação à morte de cruz.

1. COM JESUS, MESMO NA SUA MORTE (v.40,41)

Nesta história na qual aparecem diversos personagens (soldados, governador, centurião, sacerdotes, escribas, anciãos...) há um grupo que também precisa ser notado. O versículo 40 diz que, no Calvário, diante da morte de Cristo, estava Maria Madalena, Maria e Salomé. Esse grupo de mulheres tiveram a coragem de seguir a Jesus, mesmo diante da sua dor naquela cruz.

Esse fato é especialmente interessante por mostrar que Deus usou mulheres para serem testemunhas da morte de Jesus, já que, com exceção de João, os demais apóstolos não estavam presentes no Calvário. Por que esse fato é importante? Porque na Antiguidade as mulheres não eram qualificadas para testemunhar. Então, se os evangelhos tivessem sido escritos para enganar alguém, ter escolhido mulheres para serem testemunhas de um evento tão importante seria uma péssima ideia. Acontece que os evangelhos mostram a verdade como ela aconteceu e não segundo os padrões que a sociedade da época gostaria que fosse. Foi uma direção divina que os fatos acontecessem assim.

É notável a coragem que essas mulheres demonstraram ao seguirem Jesus até as proximidades do local da sua crucificação. Não tiveram medo de terem sido associadas ao crucificado. Vale a pena destacar, que o fato "de elas observarem **de longe** não tem aqui o tom negativo, mas corresponde à discrição feminina, já que os crucificados estavam pendurados nus ou seminus na viga."[1]

2. O SEPULTAMENTO DE JESUS (v.42-47)

Os versículos de 42 a 47 registram alguns detalhes sobre o sepultamento de Jesus. Entre eles, é importante lembrar que a morte de Jesus aconteceu numa sexta-feira, portanto, havia uma certa urgência para o sepultamento do seu corpo, já que o dia seguinte era sábado. Além disso, era "contra a lei deixar um corpo morto no madeiro de um dia para o outro (Dt 21.23)."[2]

Mas quem executaria tal tarefa? Os discípulos? Bem, eles não estavam ali, e João estava responsável pelos cuidados para com Maria, mãe de Jesus (Jo 19.27). É nesse momento que surge alguém importante nesse relato. Seu nome está registrado no versículo 43: José de Arimatéia. Esse homem, membro do Sinédrio (que não concordou com a condenação de Jesus) e que era alguém importante na sociedade e rico (Mt 27.57), foi quem se dispôs para tal missão.

Também é dito sobre esse homem que ele "aguardava o Reino de Deus", isso revela sua esperança nas promessas divinas. De certo modo, ele havia se tornado um discípulo de Cristo, e sua iniciativa em se dirigir a Pilatos para solicitar o corpo de Jesus mostra não só a disposição em arriscar sua posição, mas também a sua reverência e amor por Jesus. Isso contrasta com a rejeição que Jesus enfrentou ao longo dos acontecimentos anteriores.

No versículo 46 é visto a maneira como Jesus foi sepultado. É dito que o túmulo de Jesus havia sido aberto numa rocha. Sobre isso é necessário dizer que tais túmulos "eram mais caros para escavar e manter do que as sepulturas no chão. Como esses túmulos escavados na rocha eram geralmente usados por famílias proeminentes, é provável que José esteja colocando o corpo de Jesus em seu próprio jazigo de família, dando a Jesus o tipo de sepultamento geralmente concedido apenas aos ricos."[3] Tudo isso se faz cumprir a profecia de Isaías 53.9.

CONCLUSÃO

A morte de Jesus mostra o quando o nosso pecado é sério, a ponto de o Filho de Deus ter

morrido para que os nossos pecados fossem perdoados. Além disso, mostra o grande amor de Deus Pai, a ponto sacrificar seu próprio Filho por amor daqueles que ele haveria de salvar por intermédio da pessoa e da obra de Jesus Cristo.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *O que o surpreende no fato de aquelas mulheres terem acompanhado a Jesus até o momento da sua morte na cruz?*

- *Como você avalia a ação de José de Arimatéia para com Jesus?*

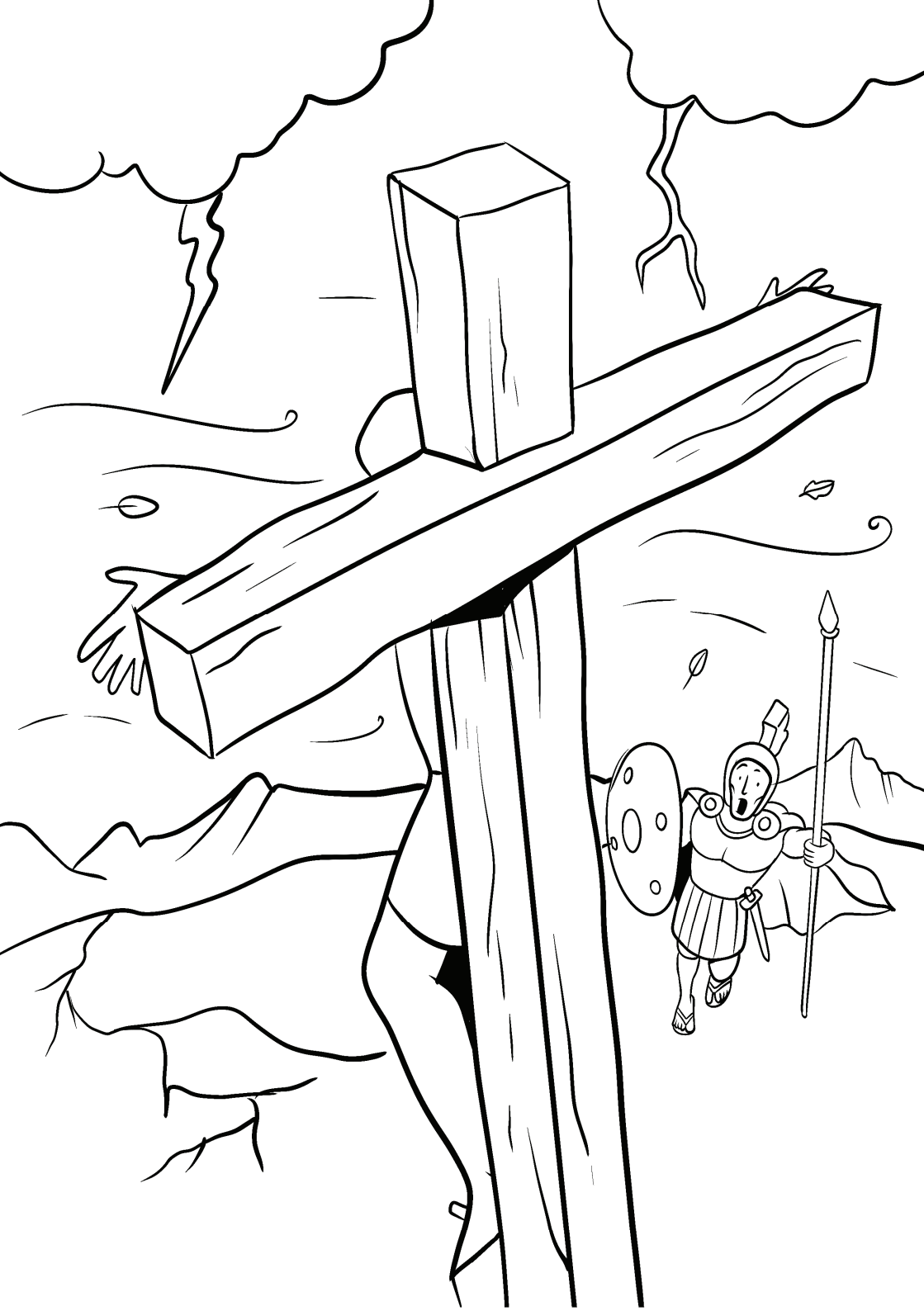
- *De que maneira o cumprimento da profecia de Isaías 53.9 contrasta com os acontecimentos anteriores?*

---

1 POHL, Adolf. Comentário Esperança Evangelho de Marcos. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998. p. 448.

2 William Hendriksen, Marcos, trad. Lucas Ribeiro, 2a edição, Comentário do Novo Testamento (São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014), 715–716.

3 John D. Barry et al., Faithlife Study Bible (Bellingham, WA: Lexham Press, 2012, 2016), Mc 15.46. Traduzido usando IA



Mc 16.1-8

12

Jesus, o ressurreto I

Pr. Jairo Oliveira

INTRODUÇÃO

A maioria dos estudiosos da Bíblia questiona e discute se a conclusão do Evangelho de Marcos, versículos 9 a 20 foi escrito por ele mesmo, pois, tanto o estilo quanto o vocabulário desses versículos, são diferentes do restante do livro. Concordo com a posição de William Hendriksen que, mesmo não crendo que Marcos escreveu os últimos versículos do seu livro, acredita que são inspirados, inerrantes e infalíveis, por isso fazem parte do Cânon das Sagradas Escrituras.

O texto em pauta narra a ressurreição de Jesus com inúmeras lições. Tanto as mulheres quanto os discípulos acreditavam que tudo tinha acabado, pois tinham perdido Jesus. Vamos estudar esse texto tendo em mente que Jesus ressuscitou.

1. O AMOR DEMONSTRADO (v.1,2)

Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé demonstraram amor por Jesus assistindo-o durante o seu ministério e continuam demonstrando amor após a sua morte quando, nas primeiras horas do domingo, vão até o túmulo para embalsamar o seu corpo, levando aromas. O evangelista João registra que Nicodemos, juntamente com José de Arimateia, haviam usado cerca de cem libras de um composto de mirra e aloés também com o mesmo propósito após retirarem o corpo de Jesus da cruz (Jo 19.38-40).

O objetivo de ungir o corpo de Jesus com mirra, aloés, e outras especiarias preciosas não era exatamente para preservar o corpo, mas para mostrar amor, respeito e devoção, pois as mulheres não puderam fazer isso quando o corpo foi tirado da cruz e acreditavam poder fazê-lo agora.

2. A SURPRESA PRESENCIADA (v.3,4)

Jesus foi colocado no Sepulcro escavado numa rocha e tapado com uma grande pedra por José de Arimateia (v. 15.46). Maria Madalena, que havia seguido para ver onde colocariam o corpo do Mestre, observou tudo e sabia exatamente o local. (v. 15.45).

Ao se dirigirem para o túmulo, as mulheres, preocupadas, indagavam-se sobre quem removeria a tão grande e pesada pedra de entrada, sendo necessária a força de cerca de vinte homens para removê-la. Logo, a preocupação das mulheres era pertinente. Assim, ao chegar no túmulo, tiveram a grande surpresa ao verem a entrada do túmulo não apenas aberta, mas a pedra removida não foi de fora para dentro, mas de dentro para fora. Mateus nos conta como se deu a abertura do Sepulcro: "*Eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu, e veio e rolou a pedra da porta, e sentou-se sobre ela.*" (Mt 28.2).

Hernandes Dias Lopes afirma que "A pedra removida é um memorial da vitória de Cristo sobre a morte. Jesus arrancou o aguilhão da morte e triunfou sobre ela. O túmulo não é o fim da nossa existência. A morte não tem mais a última palavra. A cruz não é o fim da história. A sexta-feira da paixão não é o fim do drama. Cristo ressuscitou!" (HDL p.313)

3. "NÃO TEMAS" (v. 16.5,6)

As mulheres reconheceram imediatamente que o jovem assentado à direita do túmulo era um ser sobrenatural, os demais evangelistas confirmam isso: "*O seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste, alva como a neve.*" (Mt 28.3). "*... com vestes resplandecentes.*" (Lc 24.4). Esse anjo era o mensageiro da ressurreição.

O anjo pede que as mulheres não fiquem atemorizadas, mas se acalmem. Essa era a mensagem que as mulheres precisavam e é a mensagem que todos nós precisamos: Não se atemorize ou não temas! Não temas a angústia e apreensão.

As mulheres estavam em desalento e apreensivas, pois haviam perdido o seu Senhor e achavam que ele ainda estava no sepulcro. A dor do luto era muito grande, não é difícil entender que elas estavam sem dormir direito e sem se alimentarem. Precisavam ser libertas da angústia e apreensão, então ouviram do anjo para não temer. Isso foi libertador para elas, pois o versículo 8 afirma que elas foram tomadas de alegria em saber que Jesus havia vencido a morte.

O temor nos assedia todo o tempo. Temor de adoecer, de viver e de morrer, de ficar desempregado. Temor do passado que assombra, do presente que tem sido um peso. Temor do futuro preocupante. Enquanto estivermos neste mundo temeremos diversas situações, mas Deus continua a nos dizer: *"Não temas!"*. Essa é a mensagem de encorajamento da ressurreição de Jesus.

4. JESUS RESSUSCITOU! (v.6)

A mensagem da ressurreição de Jesus é vitória. Ele não está aqui, já ressuscitou, veja o lugar onde o tinham posto, o túmulo está vazio!

A ressurreição de Cristo é a evidência maior do poder ilimitado de Deus. O apóstolo Paulo pergunta: *"Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?"* (1ª Coríntios 15.55)

As mentiras foram inventadas para desacreditar a vitória de Cristo sobre a morte (Mt 28.11-15), mas de nada adiantaram, a ressurreição de Cristo é a vitória sobre a morte e sobre o inimigo Satanás. Crendo nessa verdade, um dia nós também ressuscitaremos para vivermos eternamente no lugar onde Jesus preparou (Jo 14; Fl 3.20).

O túmulo vazio é a comprovação da verdade. O fato de Jesus não se encontrar sepultado validou toda palavra proferida pelos profetas, mas principalmente, pelas palavras que saíram da boca do próprio Senhor (Marcos 8.31; 9.31; 10.34).

5. ANUNCIE (v.7,8)

Os discípulos estavam dispersos (Mc 14.27) e o mensageiro do Senhor dá a ordem *"ide" e "dizei a seus discípulos e a Pedro"*. Sim, esse é o discípulo que havia prometido não abandonar o seu Mestre e que o negara três vezes. Com certeza, Pedro estava com o coração dilacerado e, ao receber a notícia dada pelas mulheres de que Jesus ressuscitou, teve a paz restituída, pois não seria punido e nem desprezado pelo Mestre. Isso é cumprimento da promessa de Cristo, pois antes ele prometera ressuscitar e ir adiante dos discípulos para a Galileia (Mc 14.28). Isso indica que o Senhor continuaria à frente, sendo o Pastor conduzindo o seu povo.

Marcos diz que as mulheres estavam possuídas de temor, assombro e medo e nada disseram a ninguém, mas essa omissão do autor não nos induz a pensar que elas não entregaram a mensagem, pois outros autores como Mateus (Mt 28.8) e Lucas mencionam que elas anunciaram (Lc 24.9).

Mais tarde, Jesus dá a mesma ordem para as mulheres: *"E eis*

que Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram. Então, Jesus lhes disse: Não temais! Ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galileia e lá me verão." (Mateus 28.9,10)

Enquanto os soldados recebem a ordem dos principais soldados para mentirem dizendo que Jesus não ressuscitou (Mt 28.11-15), as mulheres recebem a ordem para anunciarem a ressurreição de Cristo.

CONCLUSÃO

Jesus dá a mesma ordem para os seus apóstolos e para nós também (Mt 28.18-20). Anuncie que Cristo está vivo, perdoa os pecados, salva e transforma vidas e que logo vai voltar e buscar os salvos para desfrutarem a vida eterna. A maior bênção da ressurreição é a existência da igreja cristã com a mensagem transformadora do Evangelho. Nenhuma outra instituição teria transformado homens e mulheres tristes e desesperados em pessoas radiantes de alegria e inflamadas de um novo valor. A ressurreição é o fato central de toda a fé cristã. Várias convicções dependem de nossa fé na ressurreição.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *A verdade da ressurreição de Cristo atravessou os séculos e culturas e chegou até nós e o que temos feito com essa mensagem?*
- *Eu creio verdadeiramente que Jesus ressuscitou?*
- *Como está o nosso testemunho cristão?*
- *Temos anunciado a Cristo?*

Mc 16.9-13

13

Jesus, o ressurreto II

Pr. Jairo Oliveira

INTRODUÇÃO

Não apenas a morte de Jesus é enfatizada na Bíblia, mas também a sua ressurreição, pois tanto a morte quanto a ressurreição são fundamentais para a nossa salvação. Dewey M. Mulholland afirma que "sem a ressurreição o trabalho redentor de Jesus na cruz estaria incompleto; um evangelho sem a ressurreição não é o evangelho de Jesus Cristo. Sem a ressurreição, o evangelho teria terminado com "más notícias".

A ressurreição de Cristo foi marcante para aqueles que presenciaram e é marcante para todos aqueles que creem que o Salvador ressuscitou. É marcante, pois é o cumprimento total do plano redentor de Deus que iniciou antes da fundação do mundo e revelado inicialmente em Gênesis 3.15: *"Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar."*

O texto em pauta fala das duas primeiras aparições de Cristo após a ressurreição.

1. O APARECIMENTO DO RESSURRETO (v.9)

Há dois mil anos, a ressurreição de Jesus é crida e anunciada. No entanto, muitos falsos obreiros e falsos crentes negam essa verdade. A Bíblia apresenta incontáveis provas de que o nosso Senhor ressuscitou, como essa do texto em pauta.

As mulheres Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé foram as primeiras a verem o túmulo vazio e confirmarem a ressurreição de Jesus, mas a primeira pessoa a ver o Senhor ressurreto foi Maria Madalena, (Mc 16.9). Vale lembrar que naquele

tempo o testemunho das mulheres não era aceito pelos judeus, mas Jesus havia libertado aquela mulher da possessão demoníaca de sete demônios e dado dignidade e uma nova vida a ela (Lc 8.2). Perdoada e transformada, Maria Madalena podia desfrutar da comunhão com Jesus e ser testemunha ocular da ressurreição.

A seguir, Jesus aparece a dois discípulos (Mc 16.12). O texto de Lucas 24.13-35 dá mais detalhes sobre eles no caminho de Emaús que ficava a dez quilômetros de Jerusalém. Esses dois discípulos estavam tristes por não compreenderem o porquê de Jesus ter morrido. Mas o Senhor ressurreto aparece a eles, caminha com eles e explica por que o Messias tinha que morrer e ressuscitar. Quando Jesus se dá a conhecer e desaparece e eles imediatamente creem.

Nós não vimos pessoalmente o Senhor ressurreto, mas encontramos essa verdade na Bíblia e cremos e isso basta.

2. O ANÚNCIO DO RESSURRETO (v.10,11)

Ao ver Jesus, Maria Madalena foi anunciar aos discípulos, porém, eles não acreditaram nela.

Os discípulos estavam tristes e choravam a perda do Mestre e, em parte, estavam decepcionados por terem perdido. Eles acreditavam que Jesus seria o libertador do jugo romano e instauraria o seu reino na terra; e, ao receberem a notícia da ressurreição, não acreditaram. Lucas relata que os discípulos acreditavam que Maria Madalena estava delirando (Lc 24.11).

Quando alguém, verdadeiramente, tem um encontro com Jesus Cristo é transformado e recebe a comissão de anunciar o Salvador. Foi exatamente isso que aconteceu com Maria Madalena que, após ser perdoada, liberta e transformada creu verdadeiramente e foi anunciar o Salvador ressurreto.

Os dois discípulos também ao verem Jesus ressurreto foram a Jerusalém anunciar aos demais discípulos que Jesus havia ressuscitado, mas eles também não acreditaram (Mc 16.13).

Os discípulos foram preparados pelo Mestre e, muitas vezes, ouviram que ele seria traído e morto, mas ressuscitaria, todavia não acreditaram na ressurreição e fugiram quando o Senhor foi preso no Getsêmani (Mc 16.43-50). Apenas Pedro o seguiu de longe quando Jesus foi preso (Mc 14.53,54) e João esteve no momento da crucificação (Jo 1.25-27). Os discípulos também não compareceram para reivindicar o corpo de Jesus para o sepultar e agora também não acreditam na ressurreição.

Tanto Maria Madalena quanto os dois discípulos no caminho de Emaús creram no Cristo ressurreto e por isso anunciaram. Nós também cremos pela revelação das Sagradas Escrituras e devemos anunciar o Senhor para todos, pois essa mensagem transforma e salva vidas.

A mensagem do Evangelho é que Jesus esteve morto, mas está vivo e bem-aventurados são os que creem. Paul Beasley-Murray diz que "sem a ressurreição de Jesus não haveria nem cristianismo nem Igreja, pois ela é o coração da nossa fé. O cristianismo é acima de tudo a religião da ressurreição. A Igreja é primariamente chamada a comunidade da ressurreição."

CONCLUSÃO

Cristo ressuscitou e foi visto por Maria Madalena, pelos dois discípulos, pelos apóstolos e por mais de quinhentos irmãos (1ª Co 15.4-8). Se Cristo não tivesse ressuscitado, estaria em risco a veracidade da nossa pregação e fé: "*Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? E, se não há ressurreição de mortos, então, Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé; e somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado contra Deus que ele ressuscitou a Cristo, ao qual ele não ressuscitou, se é certo que os mortos não ressuscitam. Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E ainda mais: os que dormiram em Cristo pereceram.*" (1ª Coríntios 15.12-18)

A ressurreição de Cristo é a coroação do Plano Redentor de Deus para resgatar a humanidade perdida. A vitória do Senhor sobre a morte é o penhor e garantia da nossa própria ressurreição.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Por que Jesus ressurreto apareceu primeiro a uma mulher?*
- *Você crê verdadeiramente na ressurreição de Cristo?*
- *Quais os benefícios da ressurreição de Cristo?*
- *Jesus precisa aparecer fisicamente para você crer que ele ressuscitou ou relato das Escrituras é suficiente?*
- *Você precisa de algum milagre para crer em Jesus ou o relato da Bíblia é suficiente?*

(MULHOLLAND, Dewey M., Marcos: Introdução e Comentário, 2005: p. 235.

SPROUL, R. C. Comentário Expositivo de Marcos, 2011.

STEIN, Robert H. Marcos: Comentário Exegético. São Paulo: Vida Nova, 2022.

LOPES, Hernandes Dias. Marcos: O Evangelho dos Milagres. São Paulo: Hagnos, 2006.

HENDRIKSEN, William. Marcos. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

SPROUL, R.C. Marcos: Comentário Expositivo. 2011

(Lopes, 2006, apud, BEASLEY-MURRAY, Paul, The Message of the Resurrection. Inter-Varsity Press. Downers Grove. Illinois, 2000: p. 17,21.)

Mc 16.14-20

14

A grande comissão

Pr. José Afonso Martins de Moraes

INTRODUÇÃO

A igreja recebeu do Senhor Jesus uma missão específica. Todo o ministério realizado por ele no discipulado de homens e mulheres, tinha por objetivo prepará-los para essa missão.

No entanto, vemos que os discípulos, mesmo após a morte e ressurreição do Senhor Jesus, ainda não haviam entendido o plano divino que estava sendo revelado através da manifestação do Filho de Deus (Tt 3:4-7).

O Senhor Jesus, diversas vezes, ensinou aos discípulos que ele iria ser morto e que no terceiro dia ressuscitaria. Vemos em Mc 9:31 "*porque **ensinava** os seus discípulos e lhes dizia: o Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão; mas, três dias depois da sua morte, ressuscitará*" e em Mc 10:33 "*porque **ensinava** os seus discípulos e lhes dizia: o Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão; mas, três dias depois da sua morte, ressuscitará*".

No entanto Marcos registra que, após a morte do Senhor Jesus, os discípulos, "*aqueles que, tendo sido companheiros de Jesus, se achavam tristes e choravam*" Mc 16:10. Eles não haviam entendido a missão do Senhor Jesus. Por isso haviam perdido a fé e a esperança.

1. UMA MENSAGEM NÃO ENTENDIDA (v. 11-13)

Os discípulos estavam incrédulos e duros de coração! Não acreditaram no testemunho daqueles que haviam visto o Senhor. Desacreditaram de Maria Madalena (Mc 16:11) e dos dois discípulos que iam para o campo (Mc 16:13). A falta de entendimento do plano de Deus por meio da morte e ressurreição de Cristo os havia tornado em homens

medrosos, incrédulos e duros de coração.

Eles, que haviam convivido com o Senhor, visto a água ser transformada em vinho, a multiplicação dos pães, os cegos voltarem a ver, os leprosos serem curados, a ressurreição do filho da viúva, o andar por sobre as águas, a tempestade acalmar, Lázaro ressuscitar e tantos outros milagres agora estavam trancados com medo e perplexos.

Vivemos hoje num mundo agitado política e filosoficamente. Podemos ter nossa visão distorcida por ideias humanas ou humanistas. Os discípulos esperavam que o Senhor Jesus fosse um libertador político que derrotaria a todos e que nunca seria morto. Nós também corremos o risco de, no meio de tanta informação, não compreendermos o que Deus está fazendo para salvar aqueles que estão perdidos e na implantação de seu reino entre nós.

2. UMA CENSURA CORRETIVA (v.14)

Finalmente, nos diz Marcos, O Senhor apareceu aos onze. Parece que propositalmente deixou para manifestar-se a eles depois de ter aparecido a outros, para provar a fé deles e para deixar uma lição que não deveria ser mais esquecida. A censura pela incredulidade e dureza de coração era necessária porque a missão que iriam receber dependia de fé e dependência do poder de Deus.

Lucas nos relata que, nesse encontro, o Senhor Jesus os faz relembrar os ensinamentos sobre sua morte e ressurreição e lhes abre o entendimento para compreenderem as Escrituras. (Lc 24:44-45). Aquele encontro esclarecedor os fez compreender que, no reino de Deus, nada ocorre por acaso. Tudo havia já sido planejado desde a eternidade. O plano divino não tem chance alguma de falhar porque é o plano do Deus Todo-poderoso que sempre cumpre a sua palavra como afirmam as Escrituras.

Hoje também precisamos compreender o plano de Deus e conhecer as Escrituras que nos advertem e nos corrigem para buscarmos viver conforme aquilo que o Senhor deseja. Assim participaremos da comissão dada à igreja de levar o evangelho até os confins da terra.

3. UMA MISSÃO RECEBIDA (v.15-18)

Em seguida, o Senhor Jesus comissiona os discípulos a irem por todo o mundo e pregarem o evangelho a toda criatura. O mundo necessita ouvir o evangelho para ser salvo. A missão é pregar

o evangelho a toda criatura e implantar o reino de Deus. Mc 16:15

A resposta dada por cada pessoa que ouvir o evangelho é de sua responsabilidade pessoal. Quem crer será salvo. Quem não crer será condenado. A comissão é ir e pregar a toda criatura e em todo lugar. Precisamos aceitar o desafio esse desafio. Mc 16:16

O Senhor garante o poder divino para o cumprimento da comissão. Os sinais estarão presentes com aqueles que crerem e pregarem. (Mc 16:17) O poder está na autoridade do Senhor Jesus que foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus. Mc 16:19

4. UMA MISSÃO CUMPRIDA (v. 20)

Os discípulos partiram, pregaram em toda parte e experimentaram da presença do Senhor Jesus com eles que confirmou a pregação deles através dos sinais que havia prometido. Mc 16:20

A igreja do primeiro século avançou progressivamente sobre o Império Romano, baseada na autoridade e no poder do Senhor Jesus. Nada conseguiu impedir o crescimento da igreja. Perseguição, morte e violência usadas contra os primeiros cristãos não foi suficiente para esfriar o ânimo de homens e mulheres que creram e foram testemunhas usadas como instrumentos divinos na pregação do evangelho por onde iam. Eles perderam tudo, muitos perderam a própria vida terrena, mas ganharam a vida, a alegria e a esperança da vida eterna.

Aqueles homens que estavam com medo, incrédulos e duros de coração entenderam a missão do Senhor Jesus e também a missão dada pelo mestre. Eles viveram para pregar o evangelho de forma intensa e todos doaram a sua vida inteiramente. A maioria deles morreu de forma violenta por defende a sua fé. Eles compreenderam o verdadeiro sentido do chamado e que a realização maior da vida é participar do estabelecimento do reino de Deus por meio da pregação e do testemunho de quem é Jesus, a salvação de Deus para todo o homem.

Eles experimentaram o poder de Deus a fluir através da obediência de pregar a toda criatura e em todos os lugares. O Senhor estava presente por intermédio da sua manifestação e da mensagem pregada pelo poder recebido devido à sua autoridade.

CONCLUSÃO

Nosso desafio como igreja hoje é continuar a comissão recebida. O evangelho chegou a nós porque os discípulos obedeceram à ordem do

Senhor. Saber teoricamente sobre a comissão não muda a realidade da vida das pessoas que estão mortas em seus pecados e perdidas sem Cristo. Precisamos tomar uma atitude de considerar a comissão de pregar o evangelho a todas as criaturas e em todos os lugares. Isso é de vital importância na vida de cada crente.

Como igreja hoje não podemos perder essa visão. Nós agora somos os responsáveis para continuar cumprindo a grande comissão. Nós agora temos que pregar a toda criatura e em todo lugar. Ser reconhecido, acumular bens e procurar realização pessoal, não tendo como prioridade na vida cumprir a comissão dada por Cristo é perda de tempo. A igreja e os cristãos que empenham a suas vidas nesse caminho materialista e pessoal perderão a oportunidade de recolherem tesouros nos céus onde os ladrões não roubam.

Corremos o risco de ser membros de uma igreja, mas não participarmos da comissão dada por Jesus. Podemos ser religiosos e ficarmos à parte, sermos duros de coração e incrédulos sobre aquilo que Deus quer fazer por meio de nós. O mundo não pode nos intimidar. Não podemos nos esconder com medo. Temos que compreender que, como servos de Deus, temos a verdade e a autoridade de Cristo para levarmos a mensagem do evangelho a todas as criaturas em todo o mundo.

Que o Senhor nos ajude a vivermos assim!

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Compreendemos que o plano de Deus para salvar o mundo por meio de Jesus é o único meio de salvação para o homem pecador?*

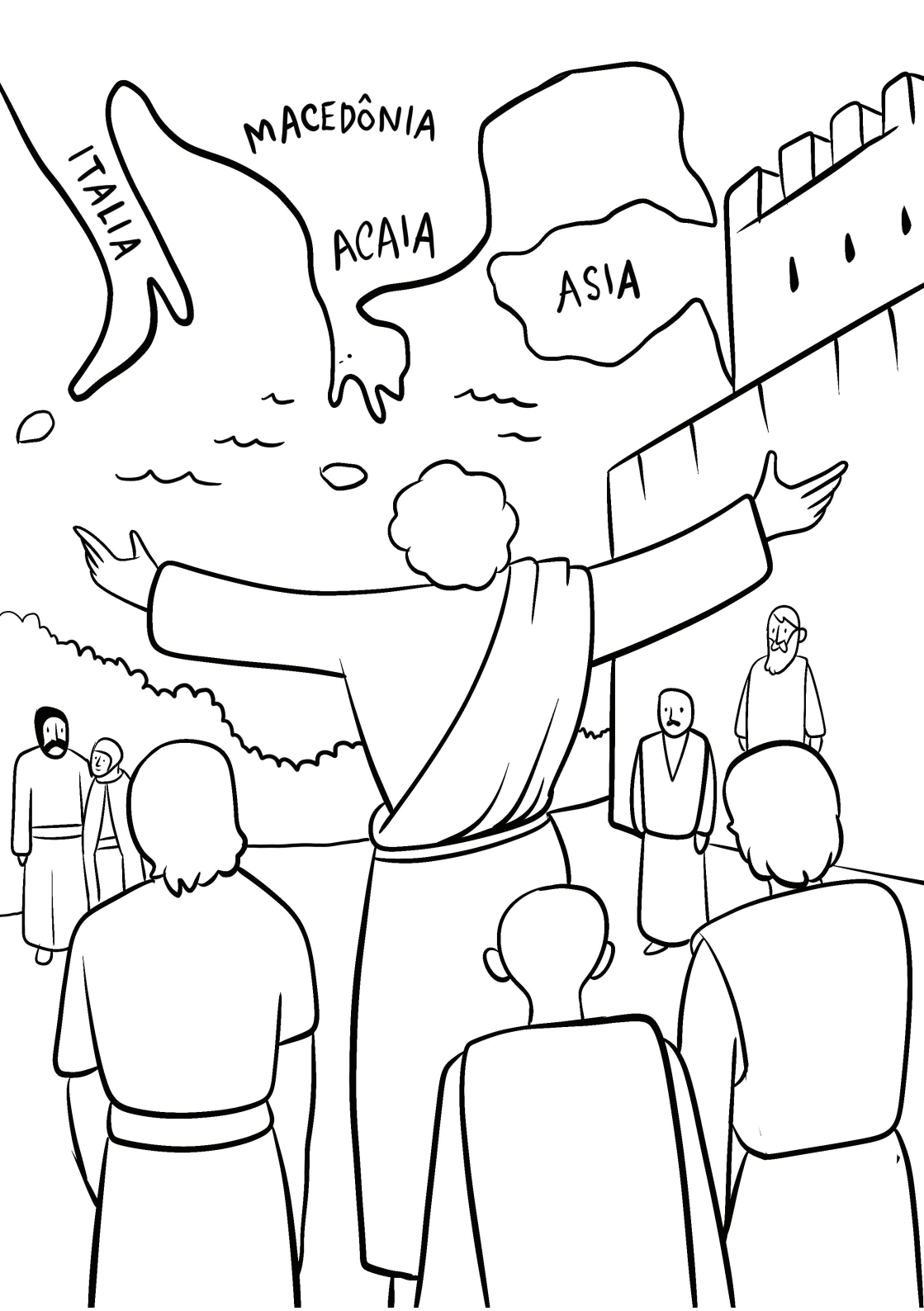
- *Compreendermos que não existe maior realização para cada cristão do que cumprir a comissão dada pelo Senhor Jesus?*

- *Sabemos na prática que o conhecimento teórico sem ação não surge nenhum efeito? Temos que ir e pregar para que os sinais da presença de Deus sejam ativados na nossa vida.*

- *O que acontece com uma igreja que não tem como prioridade total cumprir a comissão dada por Cristo?*

- *O que acontece com cristãos que não têm como prioridade usar toda sua vida, capacidades e recursos para cumprir a comissão dada por Cristo?*

MACEDÔNIA
ITALIA
ACAIA
ASIA


ITALIA
MACEDÔNIA
ACAIA
ASIA